

ÍNDICE

Introdução	2
1. Caraterização da instituição	8
Missão	8
Âmbito geográfico	8
População alvo	8
Visão	8
Valores/ princípios orientadores	9
Objetivo geral	9
Serviços	9
Recursos humanos	10
Espaços de ação	10
Parcerias	10
2. Caraterização da população	11
3. Atividades desenvolvidas com a população-alvo	16
4. Atividades da Equipa	36
5. Reflexão/avaliação	38
Conclusão	42

INTRODUÇÃO

«A nossa experiência é que a coragem, a opinião, as decisões tomadas por uma mulher que está na prostituição muitas vezes são menosprezadas, ou pensamos que não foram tomadas com liberdade. Isso fá-las ainda mais vulneráveis. Ao desprover credibilidade às suas opções, estamos a vitimizá-las ainda mais, porque estamos a fazê-las irresponsáveis em relação à sua tomada de decisões; estamos constantemente a tratá-las como menores de idade. (...) Mas a nossa tarefa não é julgar. (...) A mulher tomou umas decisões em detrimento de outras, ajudemo-la, então, a refletir, a assumir as rédeas da sua vida para, a partir daí, a construir. (...) Sinto alguma obsessão em aprofundar a questão do porquê duas pessoas, perante o mesmo problema, tomam decisões diferentes, que a posicionam numa situação mais precária ou melhor. É dizer, um mesmo ponto de partida não supõe uma relação direta de causa-efeito: quem é essa pessoa, porque tomou essa decisão, o que é que pôs em jogo ao tomá-la. Estas mulheres não são tontas, as suas decisões não estão mediatizadas. Todos pomos em jogo a nossa liberdade nalgum momento da nossa vida... Outra coisa é que, por causa da situação de vulnerabilidade, tenha um risco acrescido ou um custo demasiado alto. (...)

Mas todas estas coisas fazem-nas mais vulneráveis... e estamos a vitimizá-las. Dar-lhes a palavra é escutar aquela que diz que sabia que vinha exercer a prostituição, que se expôs a pagar essa dívida. Porque é que dizemos que essa pessoa não está a tomar uma decisão livremente? Estará condicionada pela vulnerabilidade? Sim. Mas se não trabalhamos com elas a partir da responsabilidade das suas decisões, dos custos, continuarão a repetir esse comportamento, porque as estamos a fazer irresponsáveis perante a sua própria vida. Por exemplo, quando voltam para a prostituição... Porque é que lhes queremos exigir que não voltem a prostituir-se? Que alternativas reais lhes oferecemos? O trabalho doméstico? É o despotismo ilustrado: tudo pelas mulheres, mas sem as mulheres. (...) Porque, de outra forma, anulamo-las. Voltamos a infantilizá-las. Temos que ver de onde vêm e como isto tem influência na redução dos níveis de resiliência. É uma trajetória de vida e uma aprendizagem sobre as consequências das

próprias decisões. Que haja exploração é uma coisa, mas à hora de nos sentarmos diante destas mulheres e de falarmos com elas, não as anulemos, ainda que o façamos em nome delas. Trata-se de trabalhar com as mulheres de maneira adulta, refletir com elas sobre o porquê, ser honestos e assumir que não temos alternativas reais para que uma mulher decida. É uma questão de igualdade de oportunidades.

Este é um mundo desconhecido e cheio de mitos. Depende da perspetiva com que o olhamos: se continuamos a olhar as mulheres como vítimas, como pessoas com graves problemas, marcadas para toda a vida... O problema não é o mostrar; é o que é que mostramos, e isto está completamente condicionado pela análise que é feita. Se não mostrarmos uma realidade complexa não vamos poder desenhar soluções complexas. Por uma questão de responsabilidade, deveríamos ir mais longe... Se estamos todos os dias a ver o que vemos, teríamos que transmitir que se trata de uma realidade muito complexa. Por isso, analisemo-la sob o paradigma da complexidade.

[A prostituição] afeta-as no conceito de si mesmas - autoconceito -, nas relações afetivas e sexuais; cria-lhes instabilidade, medo. Emocionalmente tem um custo elevado. Desenvolvem os seus próprios mecanismos de defesa para minimizar o custo emocional de viver duas vidas paralelas, de não poder mostrar o que são... Afeta-as, ainda, no modo de estabelecer relações, na própria vivência da realidade...

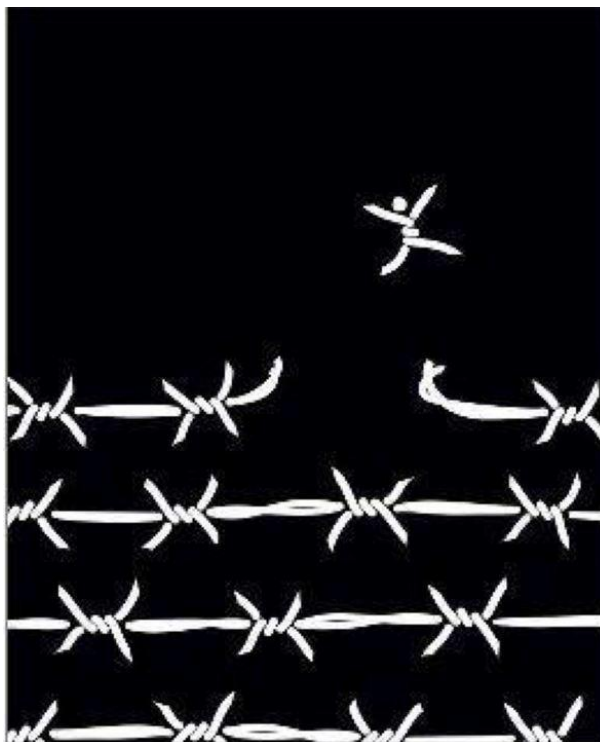
Quando começamos, em 2002, éramos 'super' abolicionistas... Institucionalmente não temos uma posição para além de que a prostituição tem muitos custos para as mulheres que a praticam. Temos vocação de estar com as mulheres e, quando se está com elas um e outro dia, há dias que somos 'super' pro direitos e outros o contrário. Fomos evoluindo ao deparar-nos com a complexidade da realidade.

Nenhum de nós é pro direitos nem abolicionista. Este é um debate secundário. Em que é que nos poderá enriquecer? Em ideologia? Queremos estar com as mulheres, percecionando que a prostituição não é um tema positivo, que está subjacente um problema de igualdade de oportunidades. Este trabalho cria em nós impacto e, quando faço esta reflexão, parto do contraste das ideias com a vida. Há fóruns de reflexão onde, quando tomamos esta posição, nos colocam do lado dos exploradores. O erro radica na casuística: haverá sempre uma situação que ilustrará a

posição que queiras apoiar. Mas nós apoiamos categorias mais amplas, que tenham subjacente que estamos a falar de pessoas, de trabalhadores pobres, de Direitos Humanos, de género. (...)

Há já muitos anos que gostaríamos que alguém desse visibilidade a este tema, realçando os pontos fortes destas mulheres, sem negar o sofrimento, mas acentuando tudo o demais. De outra forma – mostrando o lado duro - estamos a ‘revitimizar’, a evidenciar as suas carências e não as suas potencialidades; e é assim que elas constroem a imagem de si mesmas. Temos que apoiar as pessoas para que possam viver com a sua realidade; não dizer eternamente: são prostitutas, vítimas de tráfico, sofreram muito na vida, sofreram porque a bagagem que trazem as subjuga... Mas essa é a nossa tarefa. Porque é que nos empenhamos em mostrar os seus sofrimentos e não as suas fortalezas? Porque também depende de como nos situemos perante as pessoas, de como olhemos a vida. Estas mulheres não são só prostitutas, são mulheres, mães... como qualquer uma de nós, e temos muito a aprender delas.»

(Adaptado de *Fundación Amaranta: ¿Qué alternativas reales les ofrecemos para que no vuelvan a la prostitución?* in *Periodismo Humano*; 17.01.2012)



«Eu pertencia ao grupo de “putas” de nível médio. Não era nem das de luxo nem das baratas. Porque não é como muitas pessoas pensam: só existe a prostituição de alto nível e depois a escravatura, mas há muito mais.

Uma das coisas que comprovei ao longo dos anos é o incrível desconhecimento que a sociedade em geral tem de quantas mulheres se dedicam à prostituição de maneira oculta, mesmo fazendo-o esporadicamente. A “putaria” é como a sombra psíquica. (...) E cresce na sombra.

Eu fi-lo durante muito tempo só pelas tardes e nem sequer durante muitos meses seguidos. Não aguentava tanto; deixava-o e regressava quando se me acabava o dinheiro guardado. Outras faziam-no só de vez em quando; eram as “raparigas de contatos”, uma categoria diferente. Outras eram “putas” de fim de semana; outras de todos os dias, durante oito horas, como em qualquer outro emprego. Muitas estavam casadas, ou tinham família com a qual conviviam, e contavam-lhes uma história... diziam que cuidavam velhos, crianças, ou que faziam limpezas, ou que estavam numa agência imobiliária, ou autênticos filmes... E isso pegava... O dito: isto é como a sombra. (...)

No meu caso, e pelo menos superficialmente, o que me catapultou à “putaria” foi o desengano com os homens, unido a uma dificuldade económica, num momento em que o meu projeto de vida se desmoronou. Tinha 21 anos e era uma rapariga culta, universitária e normal em tudo o resto. Vivia na casa dos meus pais. (...) E isto leva-nos a outras razões mais profundas para que eu acabasse a ser “puta”... Razões não evidentes e escondidas até para mim mesma. (...)

Tinha 30 anos quando regressei a casa dos meus pais e ainda tive sorte porque me aceitaram sem escusas. Podia ter sido pior; há mulheres que não têm onde regressar, onde cair mortas durante um tempo, enquanto tentam começar outra vez do zero. Enfrentei uma nova etapa de procura de trabalho e iniciei novos estudos. (...)

Aquela foi a etapa mais dura, porque já não suportava prostituir-me mais e ficava doente ‘cada duas por três’. Não via a maneira de acabar com a minha situação, porque, como se não bastasse, parecia que não havia modo de encontrar outro trabalho. Enviava currículos, mas ninguém me chamava nem para dizer que não.

Muitas vezes chegava até ao local onde trabalhava como “puta” e sentia que não era capaz de tocar à campainha. Entrar no edifício, subir no elevador e fechar-me naquelas quatro paredes para ser “penetrada” outra vez, fazia-se-me insuportável, superior às minhas forças. Então dava meia volta, ia ao parque mais próximo, sentava-me num banco e tomava ar. Às vezes chorava de impotência. Depois, chateava-me comigo mesmo por chorar e repetia-me: “Pensa, pensa, pensa. Não és tão inteligente?! Há-de-te ocorrer alguma solução”.

Mas não sabia que mais pensar... Era como se o meu cérebro não soubesse funcionar corretamente relativamente a encontrar um emprego. Finalmente raciocinava que, de momento, tinha que ir trabalhar como “puta” mais um dia. A chefe e os clientes estavam à minha espera umas ruas mais adiante; tratava-se de não pensar tanto, era melhor ir trabalhar e deixar as reflexões para outro momento. Ao fim ia. Não me dava conta de que, na realidade, não “tinha” que ir mais, e que o que acontecia é que não sabia deixá-lo. Toda a minha estrutura mental relativamente à sobrevivência material estava danificada ou distorcida desde a raiz, desde a minha infância. Por isso, ainda que visse que a minha vida andava mal por esse caminho, não sabia mudar. Para rematar, já não obtinha nenhuma satisfação do meu “ofício”. Nessa altura da minha história, até o dinheiro que ganhava me dava nojo. Mas não ganhá-lo era ainda pior. Estava muito confusa.

Finalmente conheci uma mulher terapeuta, mas desde que a conheci até que começou o tratamento, passou ainda um ano. Durante esse tempo trabalhava cada vez menos e pior, porque já não podia mais. Tinha sintomas esquisitos, medicamente inexplicáveis, porque nas análises não encontravam nada. Cistite crónica não infecciosa, inflamação nos ovários, vaginite não especificada, vertigens, contraturas aqui e além sem razão aparente... Ou sensações estranhas: como sentir um frio gélido que me envolvia a cintura, o ventre, a zona lombar. E nada as fazia aliviar: nem banhos quentes, nem envolvendo panos de lã em redor do corpo, nem metendo-me na cama... Doía-me todo o corpo, quase não podia “ter sexo”, porque cada penetração doía-me como se me dessem pancadas no colo do útero com uma barra de ferro. Sentia que perdia energia, que o meu corpo era como um vaso estilhaçado que deixava verter a água... Às vezes sentia-me velha e esgotada, andava como um zumbi.

Medicava-me constantemente para os espasmos musculares, as contraturas, as enxaquecas, as anginas crónicas, as constipações, os fungos, sei lá... Estava farta de usar *Gino Canesten* ou óvulos de *Blastoestimulina* na vagina para poder trabalhar. Já não sabia como era o meu corpo em estado natural. (...)

O que é que me estava a acontecer? Tive medo; não de morrer - que isso teria sido um alívio - mas de 'mal morrer'. Porque os médicos não viam nada superficialmente. Devia ser algo escondido, profundo. Tinha que fazer exames profundos no hospital e o pavor invadiu-me. (...)

Nesse estado de pânico e tensão, finalmente entreguei-me às sessões de terapia. Pensei que ia morrer, mas ao menos queria fazê-lo o melhor possível. Não queria ir parar a um hospital sem mais e deixar que me levassem 'de cá para lá', que todos comesçassem a decidir por mim, sem ter tido tempo de parar, de descansar da minha vida, de olhar o meu interior, de refletir. Então, graças à terapeuta descobri... Ah, não o posso resumir! Tenho que utilizar uma metáfora. Tenho que dizer que foi como o filme *Matrix*. Vi. E o que vi, mesmo deixando-me *KO*, fez-me despertar, mudar.

Mas agora digamos, para acabar, que deixei a prostituição graças a duas coisas: primeiro, por ter cuidado as minhas relações humanas e amistosas alheias ao ambiente de trabalho, graças às quais certas pessoas finalmente me ajudaram (terapeuta incluída); segundo, por ter-me atrevido a ver, a eleger sempre a consciência perante a inconsciência. Por duro que seja o que descubras acerca da tua vida ou da vida em geral, por muito que ao destapar a caixa de Pandora te pareça que a realidade é horrorosa ou um espanto, é melhor saber. Isso permite-te enfrentar a verdadeira origem dos teus males e deixar de te odiar; para além disso, capacita-te para entender melhor a realidade em que vives. De outro modo, não podes procurar caminhos de vida diferentes. Estás entalada, como na *Matrix*, em inércias, programas mentais, etc.

Talvez o mais difícil seja o segundo: assumir ser conscientes, eleger sempre saber perante não saber. Não é um caminho que todos desejem percorrer. A minha melhor amiga da prostituição morreu, em parte, porque não o quis fazer. Tinha mais medo de enfrentar a sua realidade e pedir ajuda como "puta" assumida, que sofrer uma longa e penosa enfermidade, como finalmente sucedeu.»

(Adaptado de *La vida oculta de M.* in El País, 11.03.2012)

1. CARATERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

Missão:

A Equipa de Intervenção Social ERGUE-TE é uma Valência da Instituição Particular de Solidariedade Social Fundação Madre Sacramento, pertencente às Irmãs Adoradoras. Tem por missão melhorar as condições de vida, promover a dignificação, o *empowerment* e combater a discriminação da pessoa – especialmente a mulher – em contexto de prostituição.

Âmbito geográfico:

Distrito de Coimbra.

População alvo:

- Pessoas que se prostituem - especialmente mulheres - e exercem esta prática nas ruas, estradas, matas, pensões, apartamentos e em bares/ casas de alterne, conotados com a prática da prostituição;
- Companheiros/as e filhos/as das pessoas que se prostituem, e outros elementos do agregado familiar;
- Mulheres em situação de vulnerabilidade e/ou exclusão social.

Visão:

- Reconhecer a prostituição como uma grave violação da dignidade e direitos humanos e uma forma de violência contra a integridade da pessoa;
- Contribuir para a promoção dos direitos humanos, da igualdade de género e de oportunidades, denunciando situações de violência de género e exploração sexual, geradoras de vulnerabilidade e exclusão;
- Promover a integração pessoal e a inserção social das pessoas que se encontram em contexto de prostituição, e noutras situações de violência e exclusão;
- Contribuir para a mudança de mentalidades, promovendo a sensibilização da sociedade civil para as questões da violência de género, e denunciando estruturas que não respeitem os direitos das mulheres.

Valores/ princípios orientadores:

- Compromisso com a pessoa, considerando-a protagonista da sua própria história, olhando-a individualmente, respeitando a sua liberdade e dignidade, garantindo a confidencialidade, acolhendo-a e aceitando-a incondicionalmente, recusando qualquer forma de violência;
- Compromisso com a mudança de mentalidade e de comportamentos a nível social, contribuindo para a sensibilização em diversos âmbitos de influência, de forma a incidir sobre as causas estruturais, geradoras de injustiças e desigualdades;
- Competência, adotando e reforçando critérios de gestão e intervenção técnica de qualidade e rigor, que permitam garantir eficácia e eficiência na ação;
- Igualdade de Género, assumindo o compromisso de trabalhar pela igualdade de oportunidades entre homens e mulheres, adotando estratégias e ações que contribuam para a autonomia e *empowerment* das próprias mulheres, de forma a promover o exercício da cidadania plena;
- Proximidade/ igualdade, fomentando relações afetivas, dotadas de empatia, que facilitem o compromisso pela causa da/o outra/o e promovam a melhoria da sua situação de vida.

Objetivo geral:

Promover o atendimento, acompanhamento, orientação e encaminhamento de pessoas que se prostituem e suas famílias nas áreas: social, psicológica, profissional, judicial e de saúde, apoiando na construção e gestão do seu projeto de vida.

Serviços:

- Deslocação ao local onde a pessoa exerce a prostituição;
- Atendimento/ acompanhamento social;
- Intervenção em situação de crise e acompanhamento psicológico;
- Aconselhamento jurídico;
- Encaminhamento para Serviço Nacional de Saúde (SNS);
- Fornecimento de material de informação e prevenção de IST's;
- Encaminhamento para teste de rastreio de VIH;

- Formação sócio-laboral;
- Orientação e inserção laboral;
- Sensibilização da sociedade civil para questões de violência de género e exploração sexual.

Recursos humanos:

- Equipa Multidisciplinar, constituída por: assistente social, com funções de direção técnica; psicóloga; educador social; supervisor; jurista; e por um grupo de colaboradoras/es, em regime de voluntariado, com formação em diferentes áreas. A multidisciplinaridade da Equipa tem permitido uma visão holística, com diferentes perspetivas sobre as problemáticas, abordagens e tipos de intervenção complementares, sem perder a especificidade característica de cada área de formação.

Espaços de ação:

- Gabinete de Atendimento/ Sede da Equipa, situado na Avenida Fernão de Magalhães nº 136, 3º Z (Edifício Azul), 3000- 171 Coimbra;
- Gabinete AE: sala polivalente para atividades de grupo com as/os utentes, gabinete de psicologia e sala da coordenação;
- Giros no exterior, com recurso a unidade móvel, nas ruas, estradas, pensões, bares e apartamentos, conotados com a prática da prostituição, em todo o distrito de Coimbra.

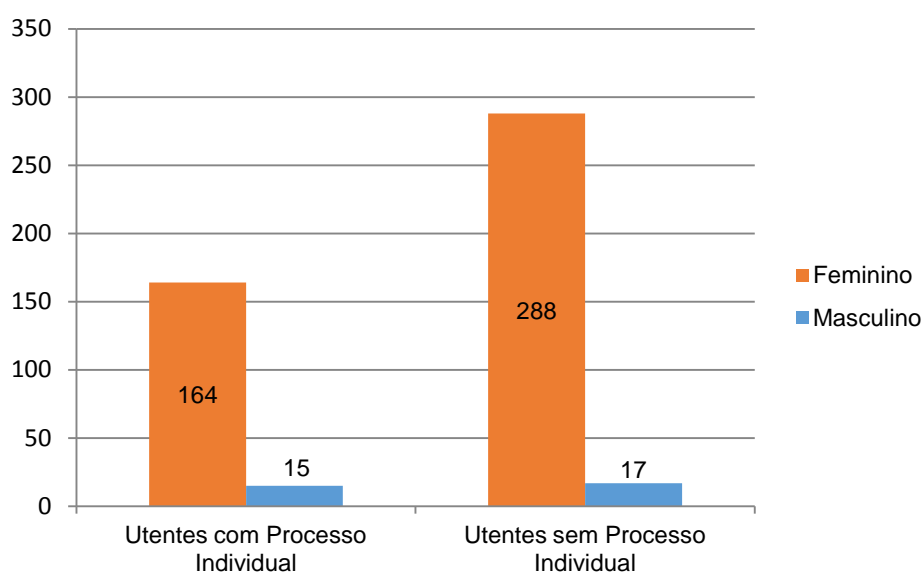
Parcerias:

- Formais: Centro Distrital de Segurança Social de Coimbra, Caritas Diocesana de Coimbra, Associação Para o Planeamento da Família, Rede Social de Coimbra, Banco Alimentar Contra a Fome, CEARTE - Centro de Formação Profissional do Artesanato, Faculdade de Psicologia da Universidade de Coimbra;
- Informais: Centro de Saúde Fernão de Magalhães, Coordenação Nacional para a Infecção VIH/SIDA, Polícia Judiciária, Centro de Aconselhamento e Deteção Precoce de VIH, Câmara Municipal de Coimbra (CMC), Instituto de Emprego e Formação Profissional, O Graal, Pastelaria “O Tamoeiro”, Supermercados SuperCOR.

2. CARATERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO

Gráfico 1.

Género das/os utentes – com e sem Processo Individual de Utente



Durante o ano de 2012 a Equipa atendeu um total de 484 utentes, sendo que destas/es, 179 têm Processo Individual de Utente (PIU), o que possibilita um acompanhamento mais regular e estruturado por parte da Equipa. No gráfico pode-se observar que a população é maioritariamente feminina. No entanto, tem-se vindo a verificar um aumento da população masculina e transsexual que recorre aos serviços da Equipa.

Gráfico 2.

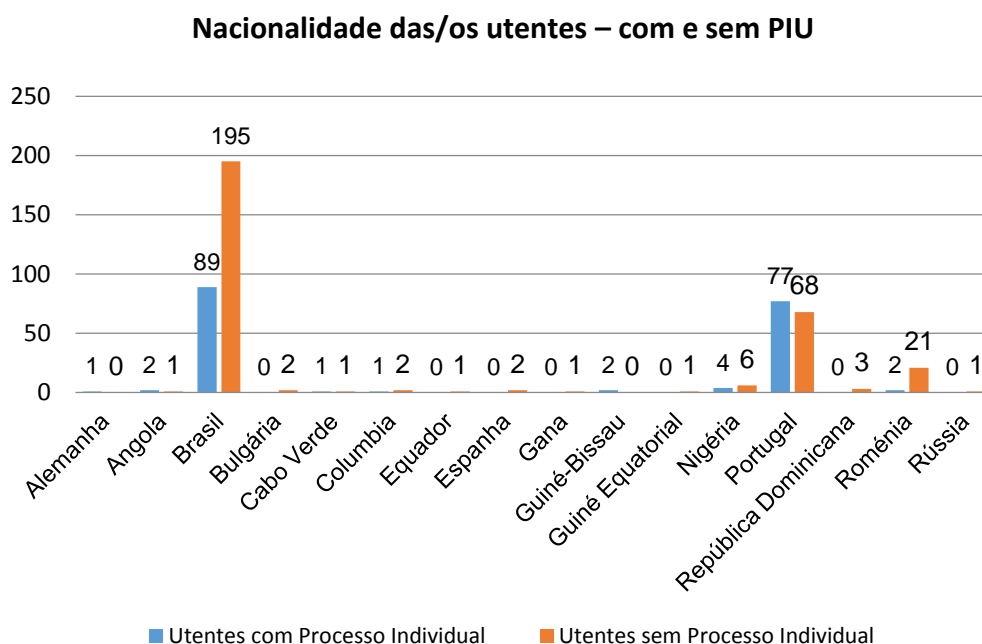
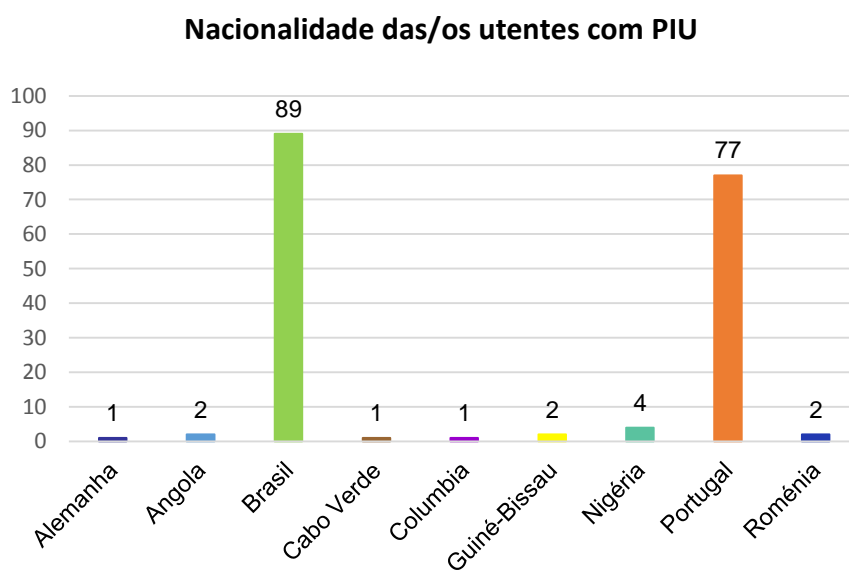


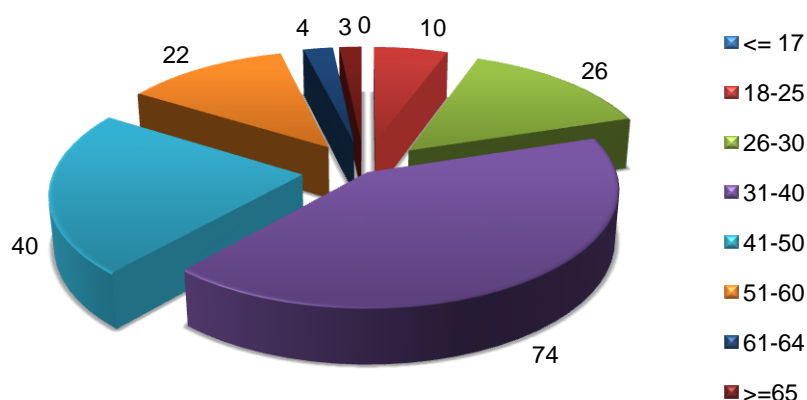
Gráfico 2.1.



Como podemos verificar na análise dos dois gráficos anteriores, a maioria das pessoas atendidas e/ou acompanhadas pela Equipa tem nacionalidade Brasileira, seguida da Portuguesa. De referir que a Equipa acompanha ainda utentes de nacionalidade Nigeriana, Guineense, Romena, Angolana, Alemã, Cabo-verdiana e Colombiana.

Gráfico 3.

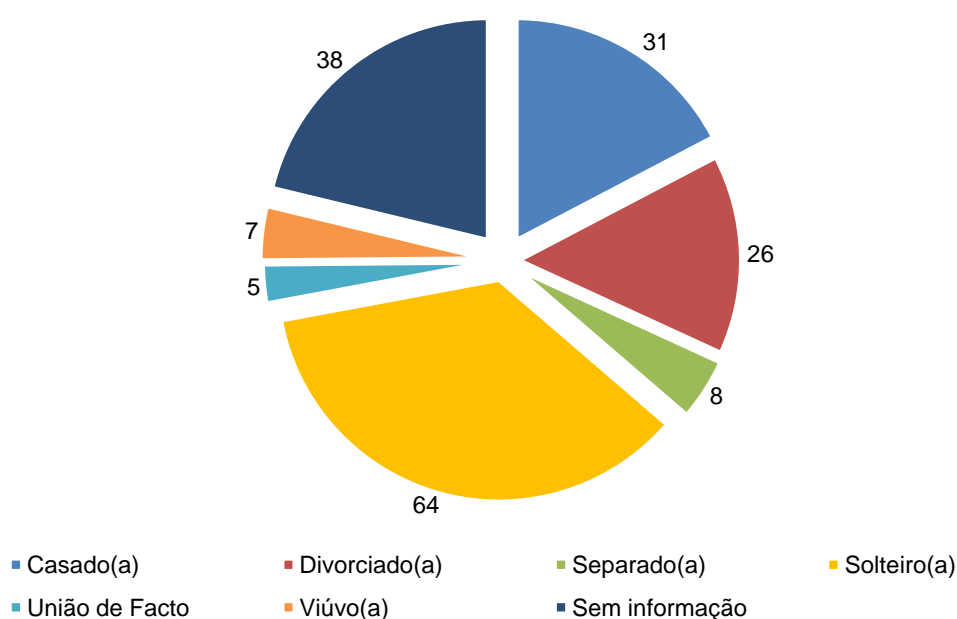
Faixa etária das/os utentes com PIU



Dos 179 utentes com PIU, verifica-se que mais de metade se encontra nas faixas etárias entre os 31 e os 40 e os 41 e os 50 anos de idade. É ainda de referir que não há menores de idade a serem acompanhadas/os pela Equipa e, a generalidade da população que se prostitui, é de idade adulta.

Gráfico 4.

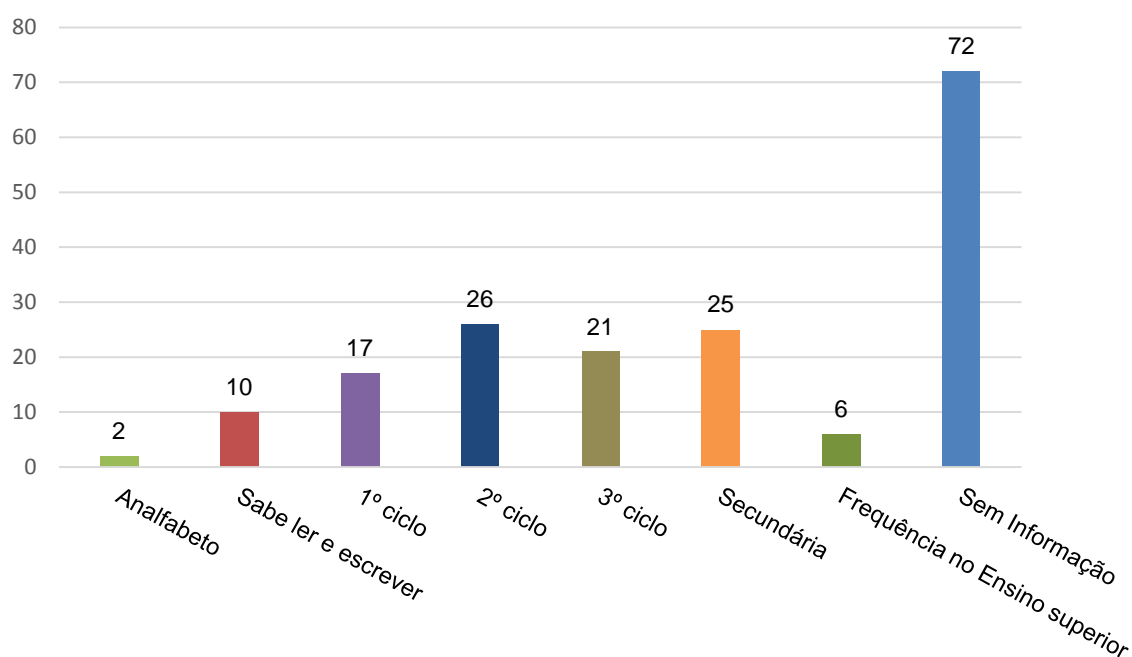
Estado civil das/os utentes com PIU



De acordo com o gráfico, predomina o estado civil de solteira/o, verificando-se ainda um aumento de utentes sem informação sobre o seu estado civil. Esta situação poderá dever-se ao receio que estas pessoas têm em assumir um relacionamento amoroso, uma vez que pode ser interpretado como lenocínio ou proxenetismo.

Gráfico 5.

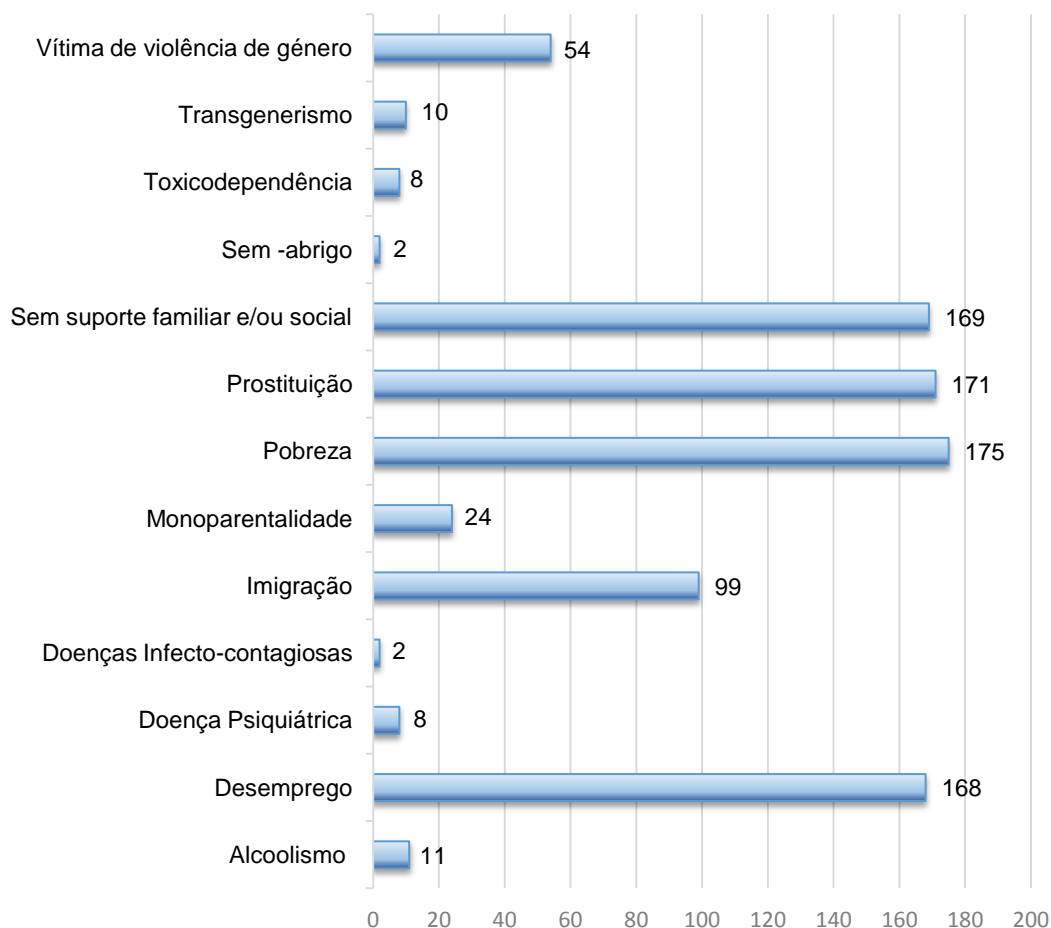
Habilitações literárias das/os utentes com PIU



Devido ao facto de mais de metade das/os utentes ter nacionalidade estrangeira, torna-se mais difícil definir com precisão a escolaridade equivalente no sistema de ensino nacional vigente, motivo que leva a Equipa a assumir que não tem dados fidedignos para apresentar. Relativamente aos restantes dados, verificasse que predomina o 2º ciclo do ensino básico e o ensino secundário, no entanto, há ainda um número significativo de utentes em situação de analfabetismo ou apenas a saber ler e escrever.

Gráfico 6.

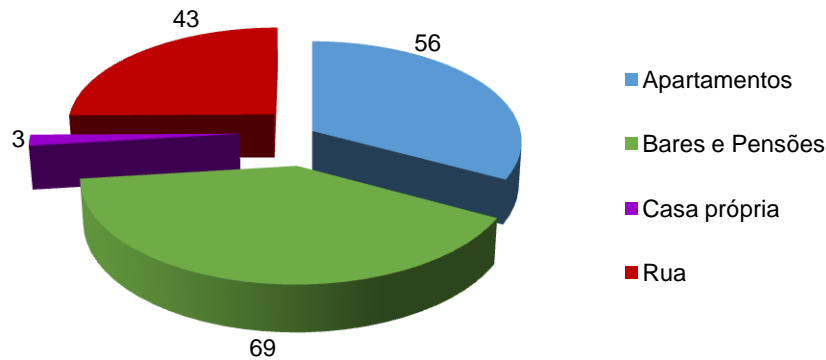
Problemáticas concomitantes das/os utentes com PIU



Neste gráfico, é de salientar que a maioria das/os utentes apresentam multiplicidade de problemáticas, coexistindo situações de prática da prostituição com desemprego, dificuldades económicas, carência de suporte familiar e/ou social, entre outras problemáticas. De salientar que, pelo facto de uma grande parte das/os utentes ser imigrante coloca-as/os numa situação de acrescida vulnerabilidade e ausência de suporte. Reitera-se que algumas/uns destas/es utentes apresentam problemas de dependências e doença psiquiátrica, nalguns casos, associados à prática da prostituição. São ainda acompanhadas oito pessoas que não apresentam percurso de prostituição, mas consideramos encontrarem-se em situação de vulnerabilidade e/ou exclusão social devido a terem antecedentes familiares ou pessoais de prostituição.

Gráfico 7.

Locais de atividade das/os utentes com PIU

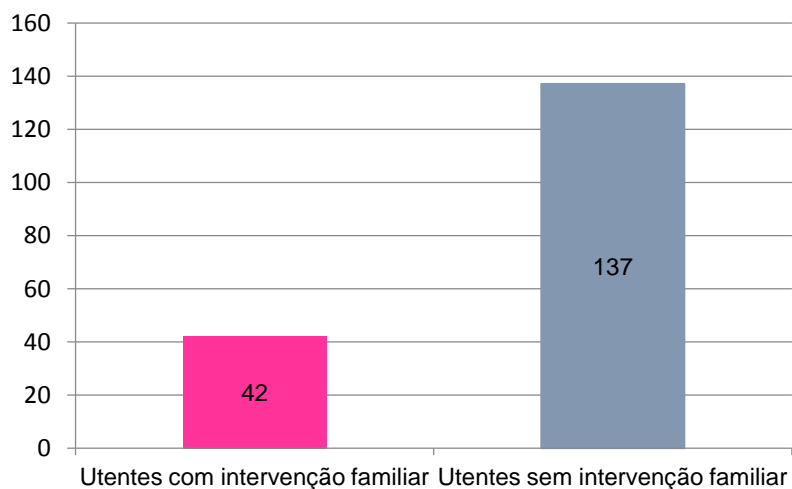


De acordo com o gráfico, uma grande parte da população em acompanhamento pela Equipa prostitui-se em contexto *indoor* (bares, pensões e apartamento). De referir, no entanto, que grande parte destas pessoas oscila entre diferentes locais de atividade, sendo que, nesses casos, foi considerado o local predominante.

3. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS COM A POPULAÇÃO-ALVO

Gráfico 8.

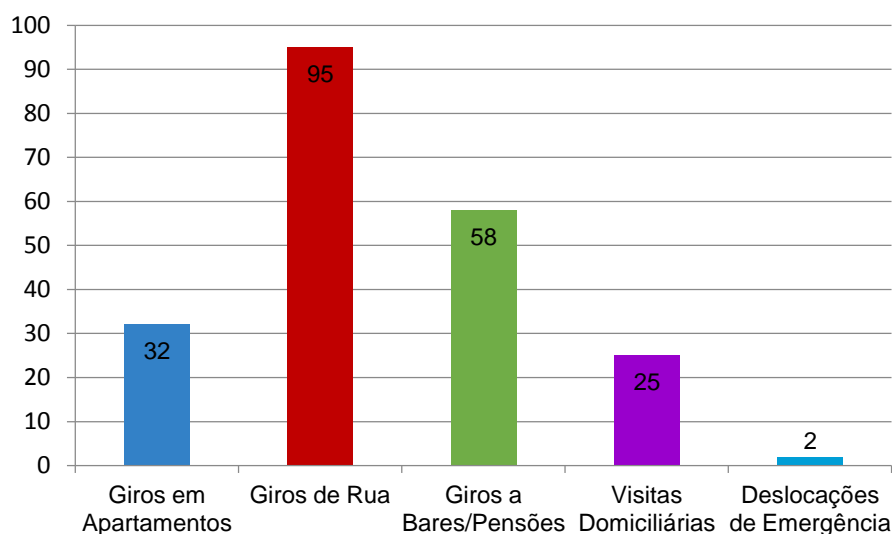
Intervenção familiar nas/os utentes com PIU



Como podemos constatar pelo gráfico anterior, a Equipa alargou a sua intervenção aos agregados familiares de quarenta e duas utentes, constituindo estas/es um quarto do total da população.

Gráfico 9.

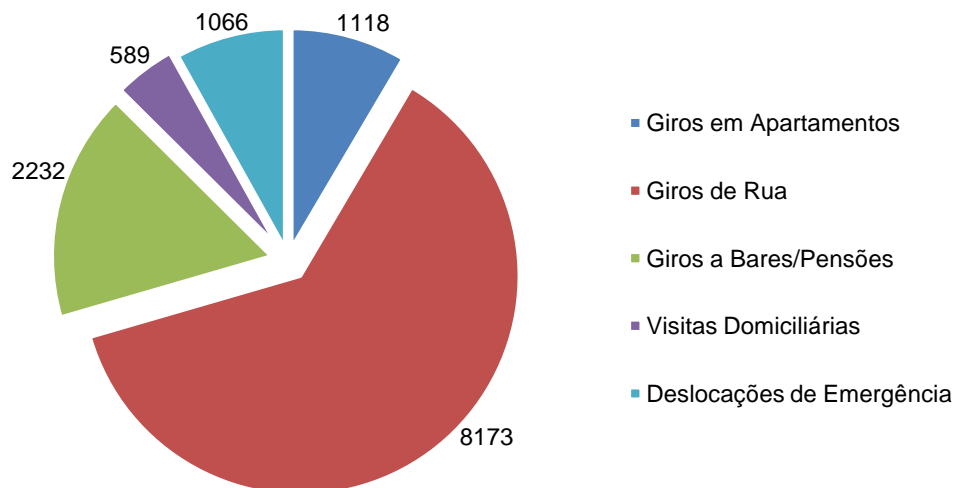
Giros realizados no exterior



Do total de giros realizados no exterior, constatamos que o maior número de giros foi realizado em rua, seguido dos giros a bares e pensões. De realçar o aumento de giros realizados em apartamentos, proporcionalmente a dados anteriores, visto estes espaços serem de difícil acesso e privados. As visitas domiciliárias são um indicador do percurso evolutivo no acompanhamento realizado às/aos utentes, que tem implicações no agregado familiar.

Gráfico 10.

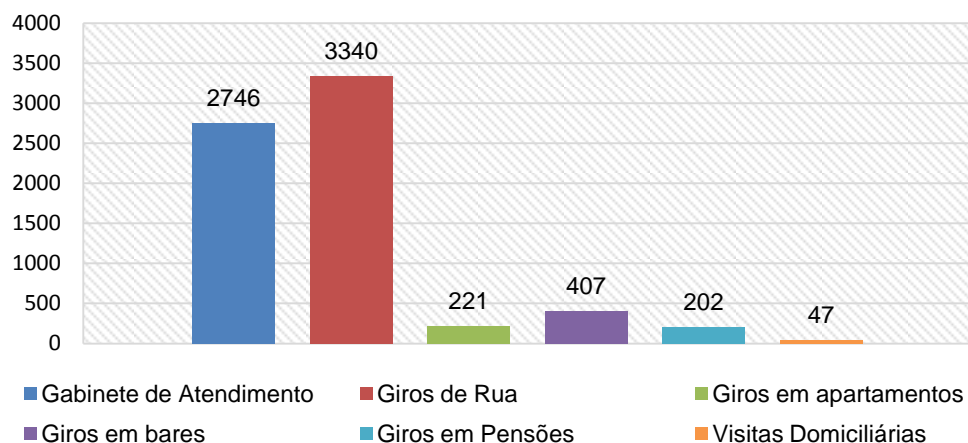
Quilómetros percorridos nos giros realizados



Como se verifica através da análise do gráfico, a Equipa realizou um conjunto elevado de atividades no exterior, recorrendo à unidade móvel, nomeadamente giros de rua, de bares/pensões e apartamentos. Relativamente aos quilómetros percorridos verifica-se que, comparativamente ao ano anterior, houve uma diminuição dos mesmos, uma vez que as/os utentes procuram mais o gabinete de atendimento da Equipa, proporcionando este um acompanhamento mais efetivo, regular e sistemático.

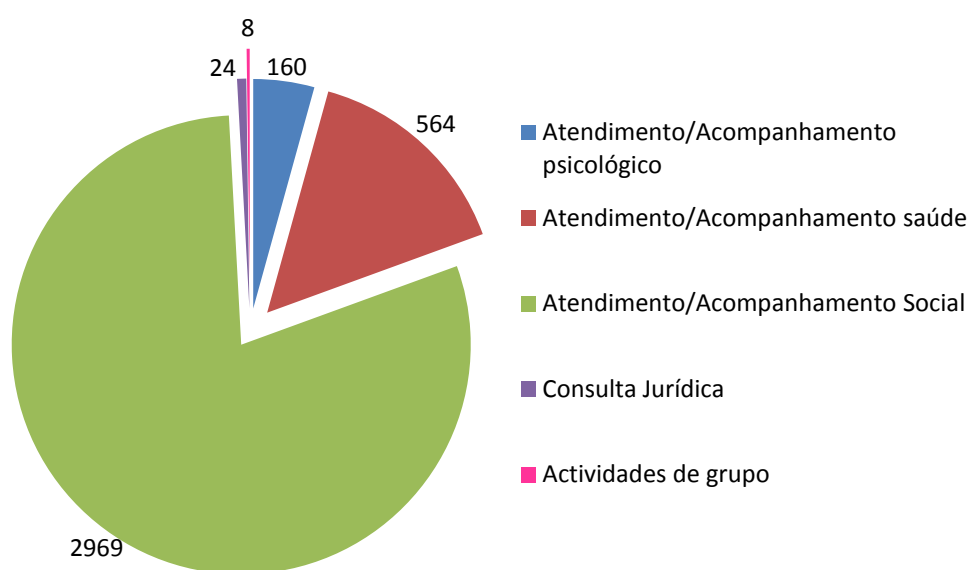
Gráfico 11.

Total de atividades realizadas



Como se verifica no gráfico, a maioria das atividades realizadas pela Equipa ocorreu em contexto de giro de rua, seguindo-se as atividades realizadas em gabinete de atendimento. De constatar que as atividades fora do gabinete foram proporcionais à quantidade de giros realizados nos diferentes contextos.

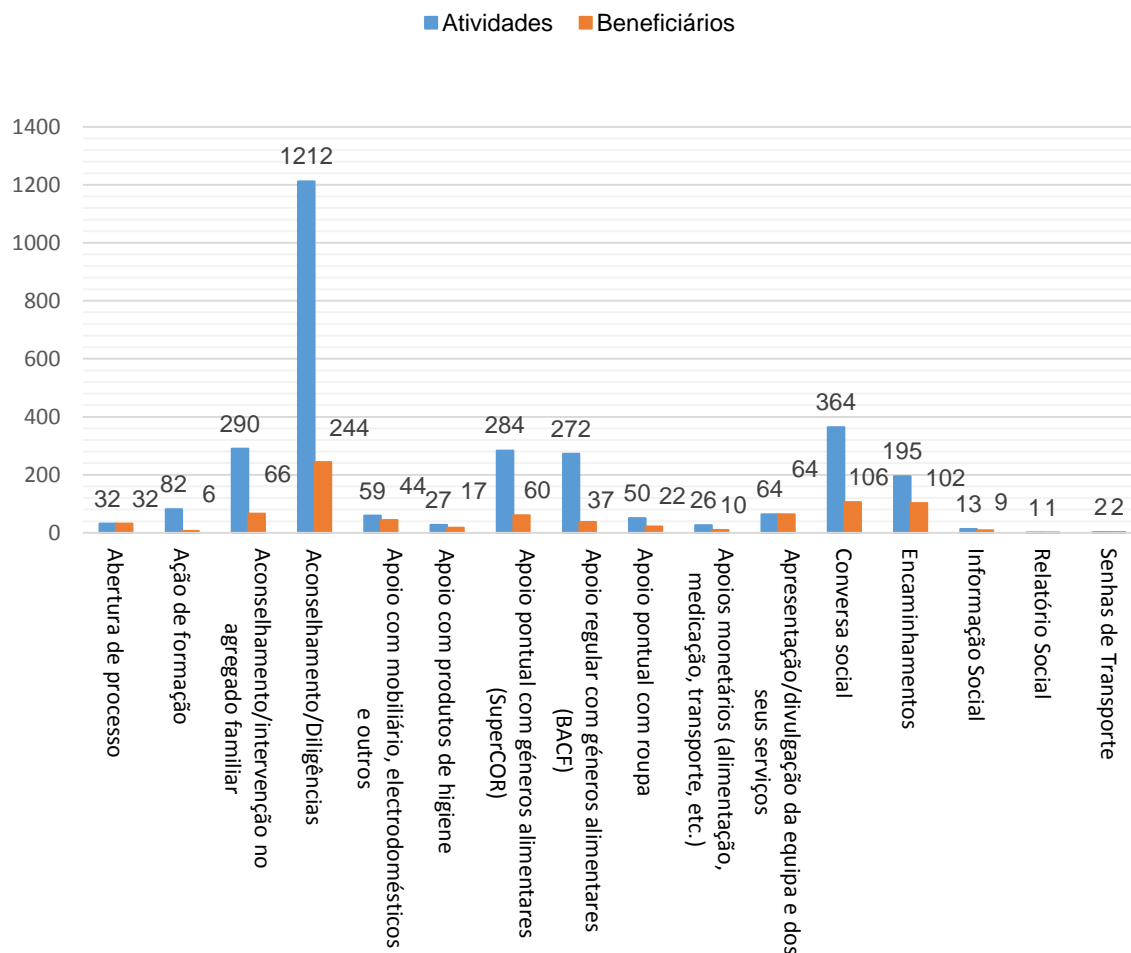
Gráfico 12.
Atividades realizadas em gabinete de atendimento



No âmbito do gabinete de atendimento, a maioria das atividades foram ao nível do atendimento/acompanhamento social, seguido do atendimento/acompanhamento de saúde (distribuição de material de prevenção e informação de IST's). De salientar que no ano em análise, relativamente ao ano anterior, o número de atendimentos/acompanhamentos psicológicos triplicou, o que se deve a todo o trabalho realizado pela Equipa, nomeadamente a nível relacional e de incentivo a desencadear processos de mudança.

Gráfico 13.

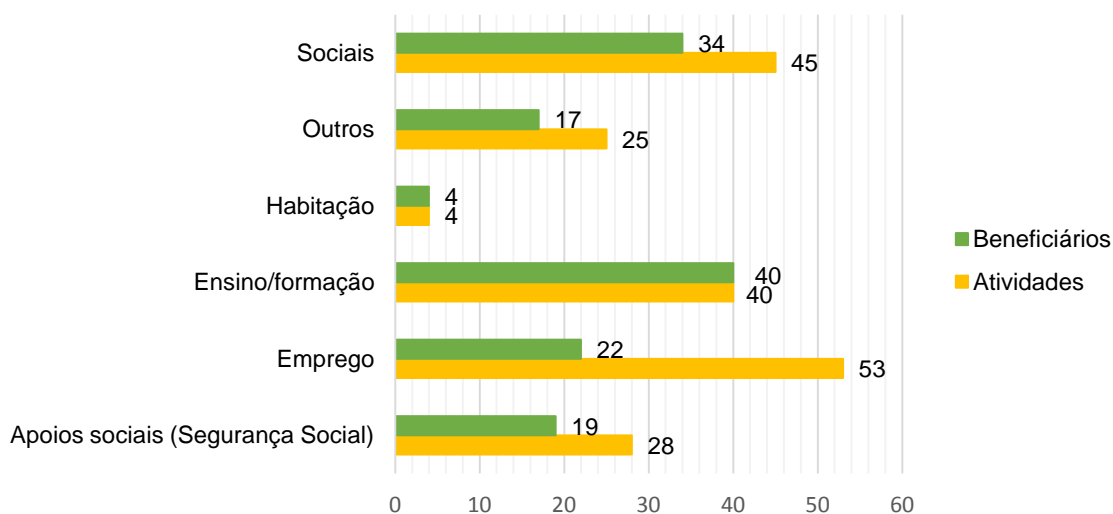
Atendimento/acompanhamento social em gabinete



No âmbito do atendimento/ acompanhamento social, predominaram as atividades de aconselhamento e diligências relacionadas com o atendimento/ acompanhamento social, seguidas de conversa social, uma atividade que procura através de uma relação informal, criar uma relação de confiança e proximidade entre a/o utente e a Equipa. É de salientar também os diversos apoios, nomeadamente com géneros alimentares e os diversos encaminhamentos, discriminados no gráfico seguinte.

Gráfico 14.

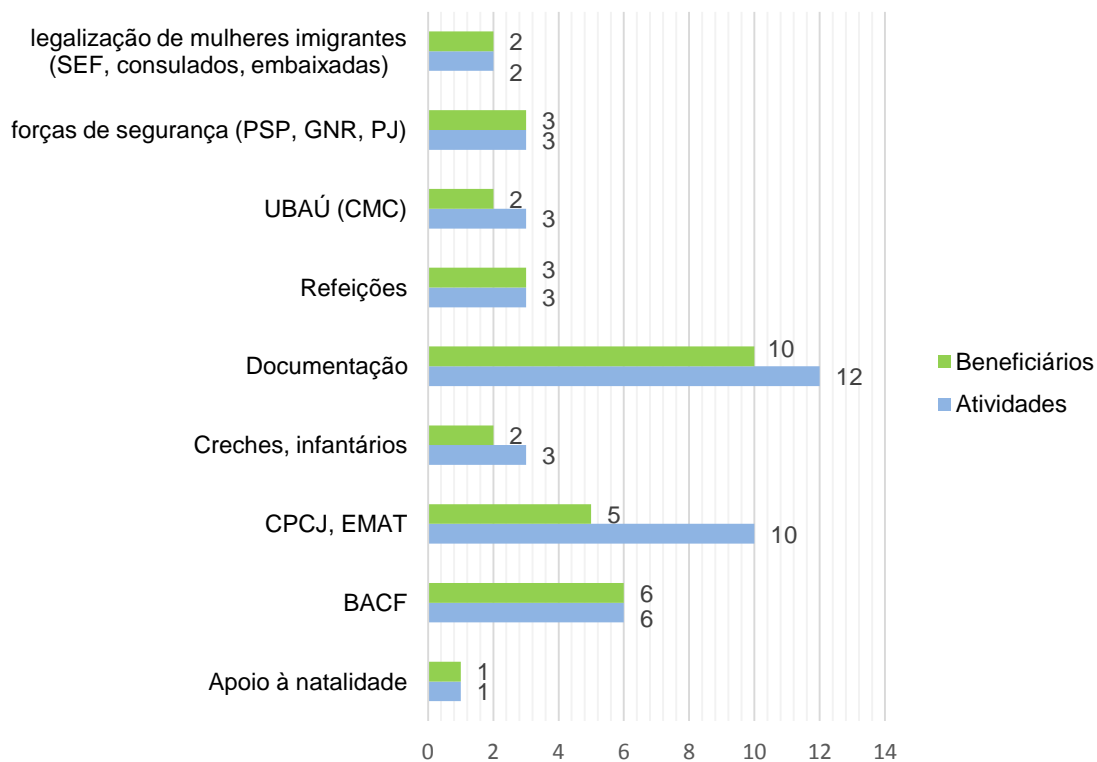
Encaminhamentos realizados em gabinete de atendimento



Dos encaminhamentos realizados pela Equipa em gabinete, destacam-se os encaminhamentos para emprego, ensino/ formação e sociais.

Gráfico 14.1

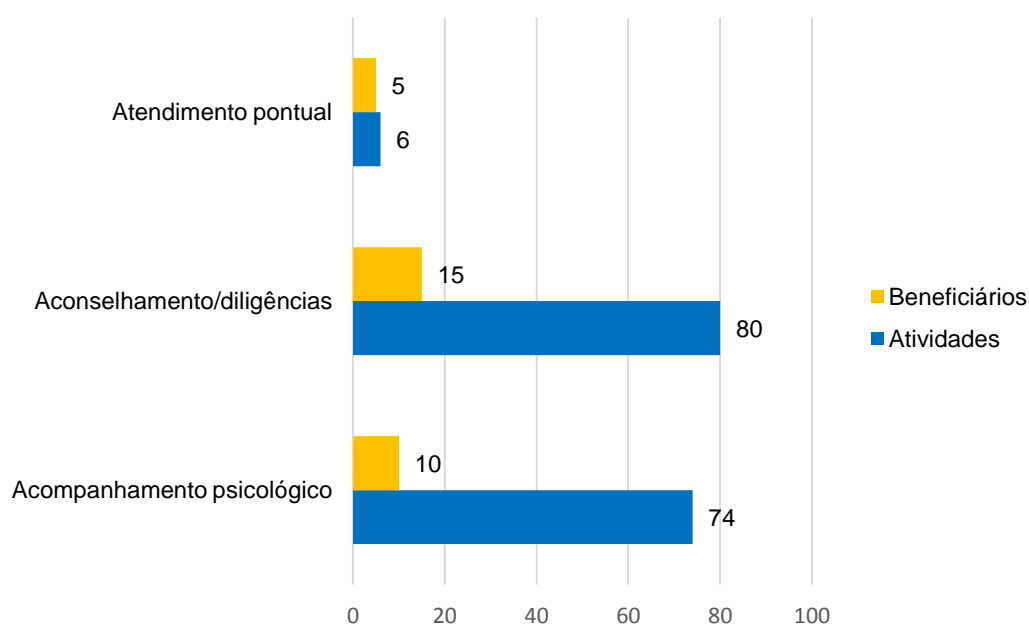
Encaminhamentos sociais em gabinete de atendimento



De acordo com o gráfico, destacam-se os encaminhamentos relacionados com questões de regularização de documentação, encaminhamentos para estruturas de proteção de menores em risco (CPCJ e EMAT) e para o Banco Alimentar Contra a Fome.

Gráfico 15

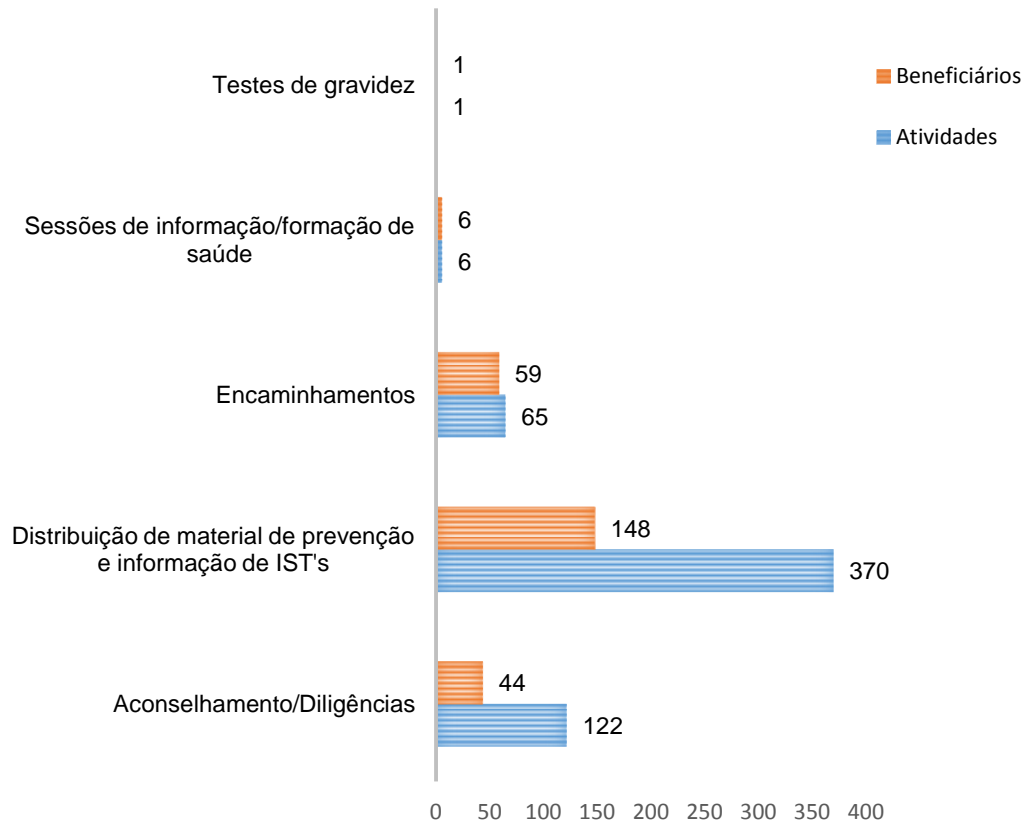
Atendimento/acompanhamento psicológico em gabinete de atendimento



No que diz respeito ao atendimento/acompanhamento psicológico, como já referido anteriormente, verificou-se no ano em análise um incremento significativo do número de sessões terapêuticas e uma diminuição do número de utentes abrangidas. Pode-se, assim, constatar que este grupo de utentes encontra-se em processo terapêutico.

Gráfico 16

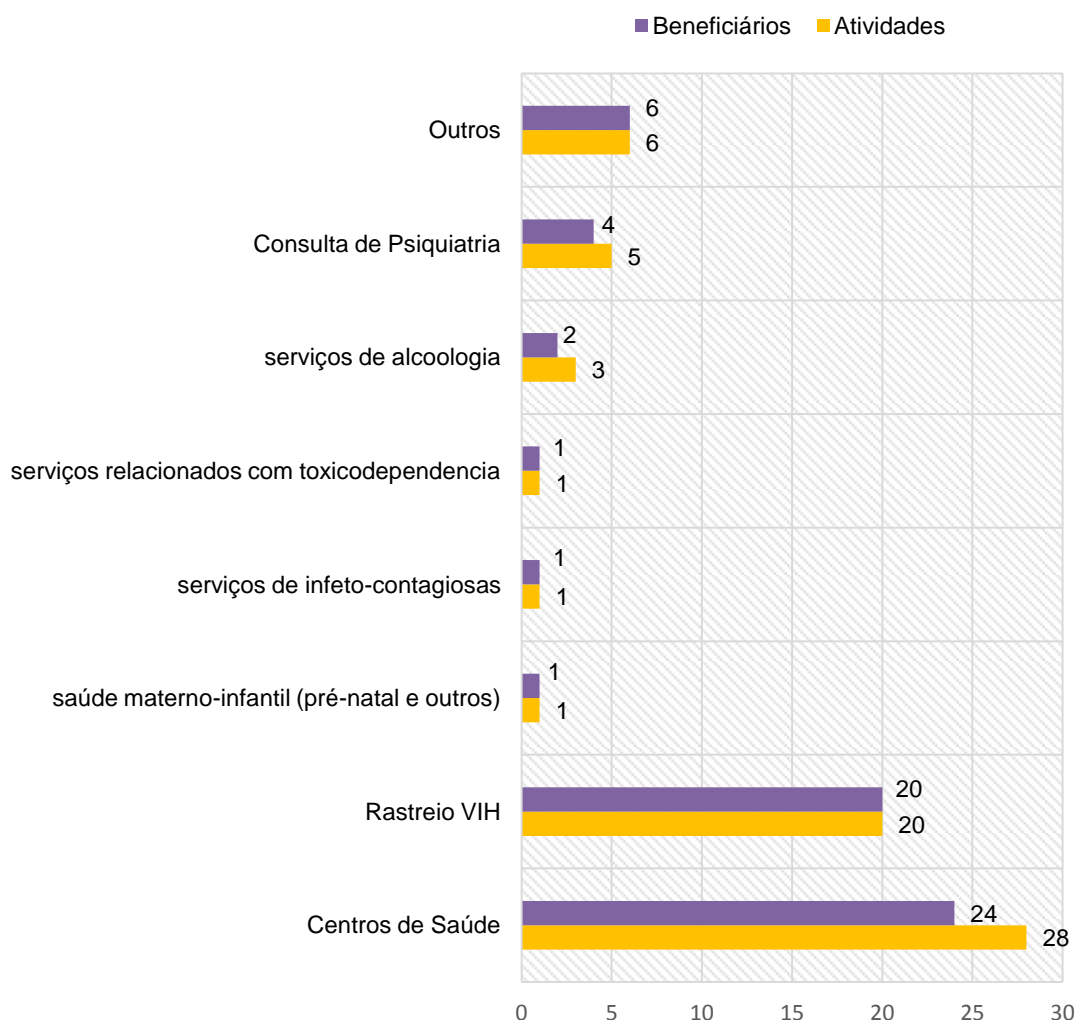
Atendimento/acompanhamento de saúde em gabinete de atendimento



Em relação a este tipo de atendimento/ acompanhamento, a maioria das atividades, bem como o maior número de utentes, beneficiou da distribuição de material de prevenção e informação de IST's, seguido da atividade de aconselhamento/ diligências e encaminhamentos.

Gráfico 17

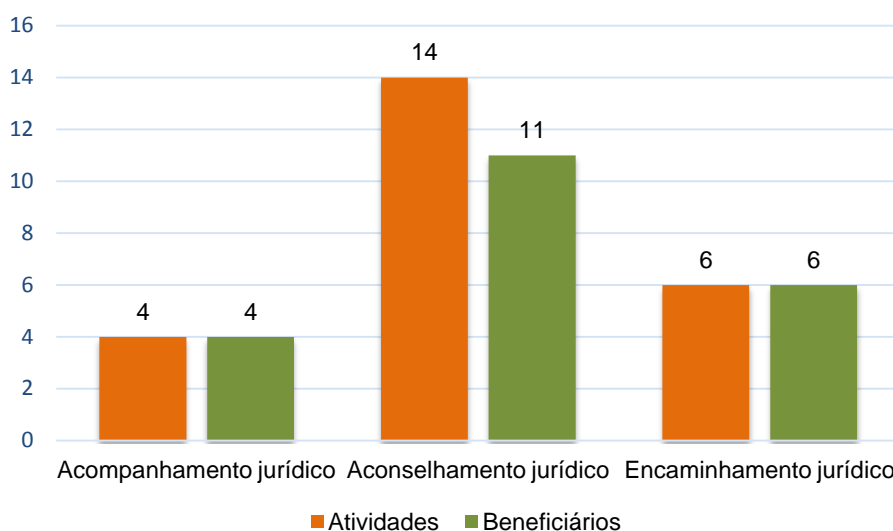
Encaminhamentos de saúde em gabinete de atendimento



Os encaminhamentos realizados no âmbito da saúde foram, maioritariamente, para consulta de Medicina Geral e Familiar no Centro de Saúde Fernão de Magalhães, com quem a Equipa mantém um protocolo informal de colaboração. Realizou-se um número significativo de encaminhamentos para testes de despiste rápido de rastreio de VIH, através do protocolo formal de colaboração com a Cáritas Diocesana de Coimbra (Centro GAT-UP) e para consultas de psiquiatria no CHUC, serviço com o qual a Equipa mantém uma parceria informal.

Gráfico 18

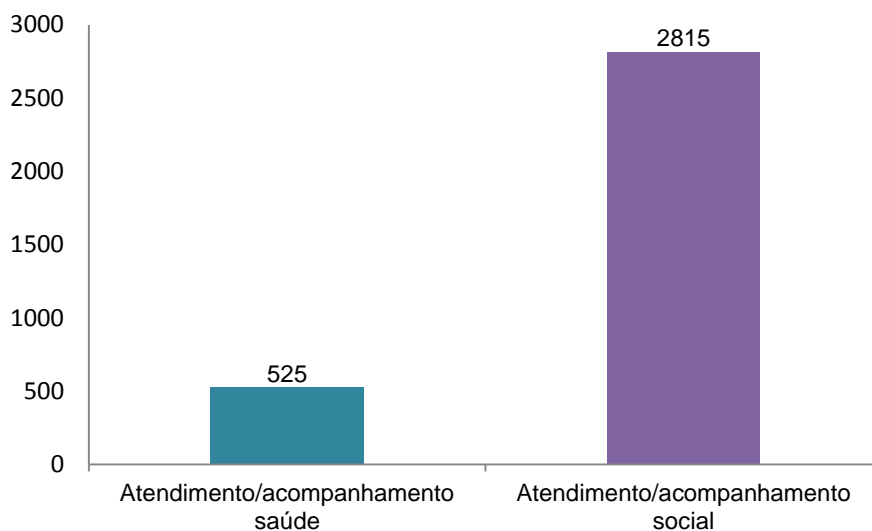
Consulta jurídica em gabinete de atendimento



Das 24 consultas jurídicas efetuadas a um total de 21 utentes, a maioria foi no âmbito do aconselhamento jurídico, seguido de encaminhamento.

Gráfico 19

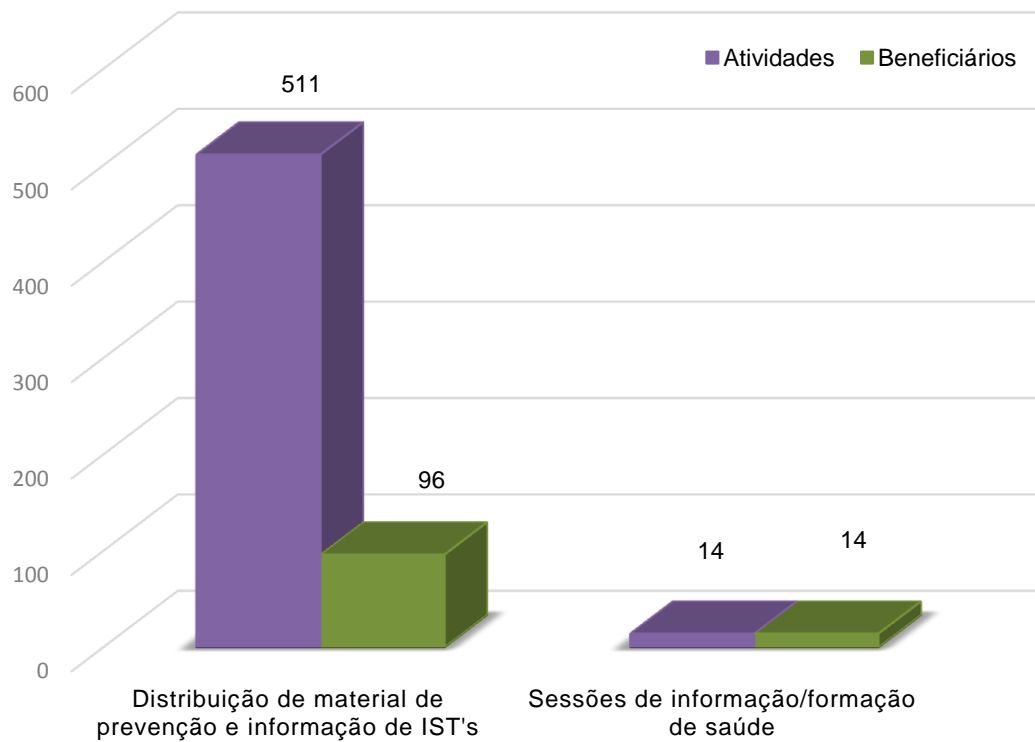
Atividades em giros de rua



Através da observação do gráfico, verifica-se que as atividades realizadas em giros de rua centram-se, mormente, em atendimento/acompanhamento social e em menor número em atendimento/acompanhamento de saúde.

Gráfico 20

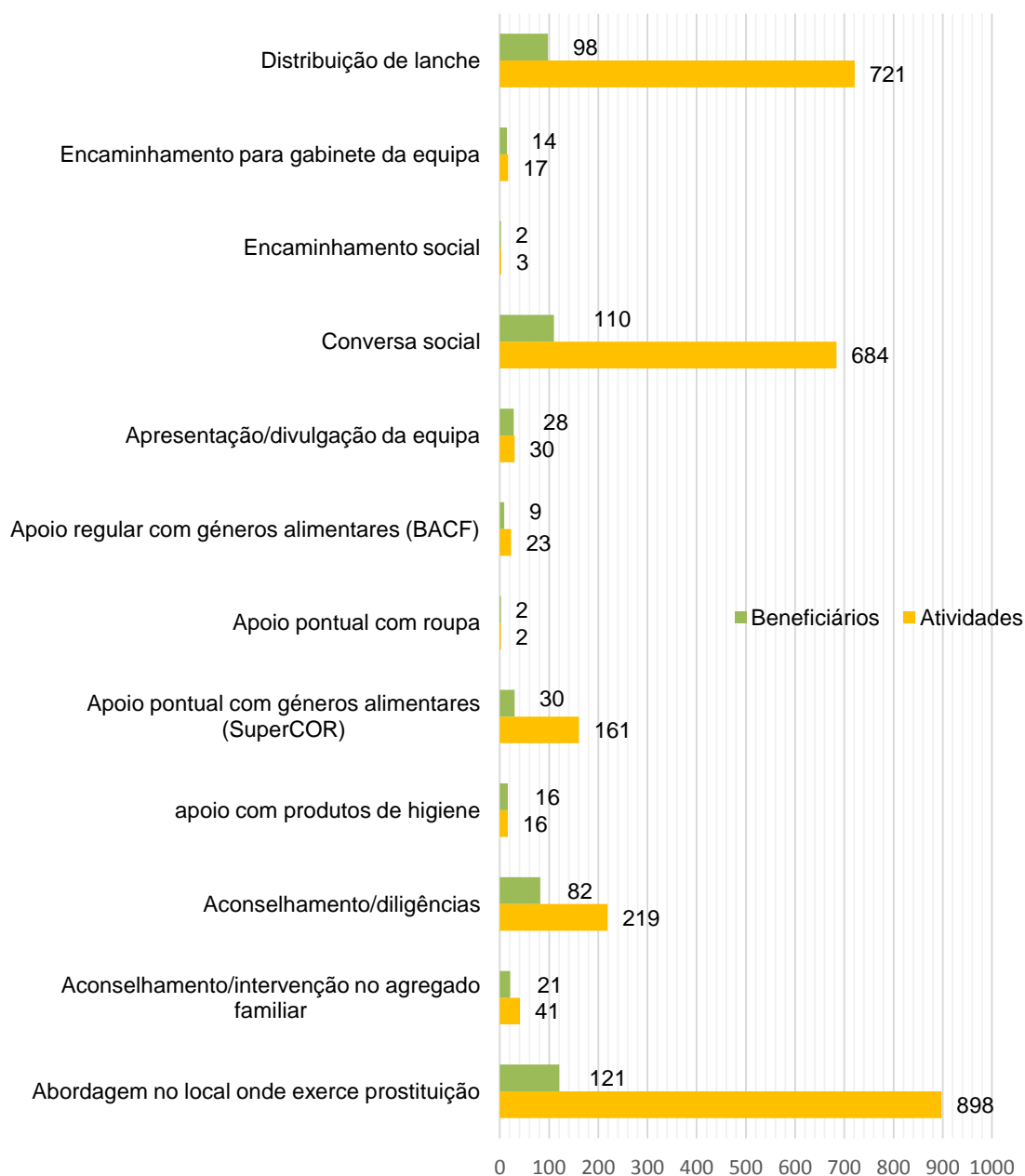
Atendimento/acompanhamento de saúde em giros de rua



O atendimento/ acompanhamento de saúde realizado em giros de rua consistiu, predominantemente, na distribuição de material de prevenção e informação de IST's e na realização de algumas sessões de informação/ formação na área da saúde.

Gráfico 21

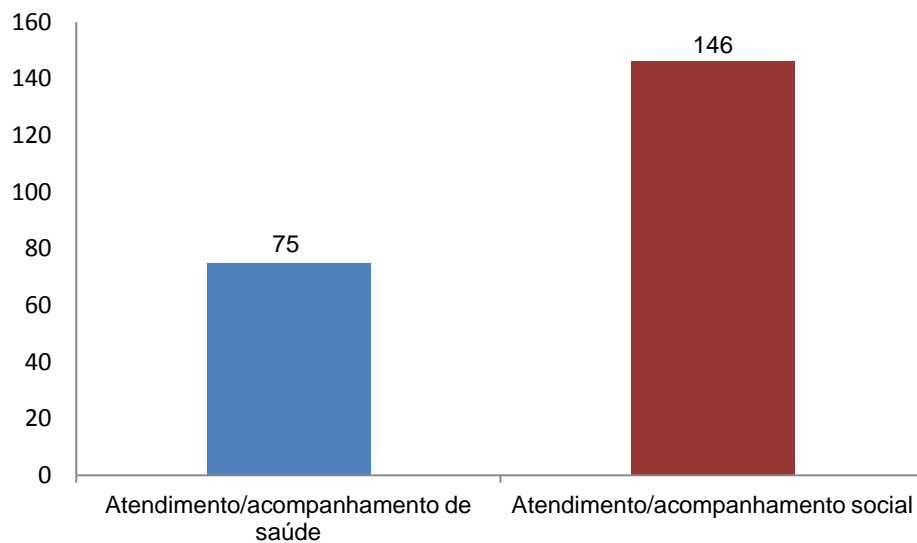
Atendimento/acompanhamento social em giros de rua



Pela análise do gráfico pode-se verificar que, como os giros de rua se realizam no meio prostitucional, a atividade de abordagem no local onde a/o utente exerce a atividade é aquela que se apresenta em maior número. A Equipa mantém como estratégia de abordagem a distribuição de lanches e a conversa social, como forma de facilitar e estabelecer relação.

Gráfico 22

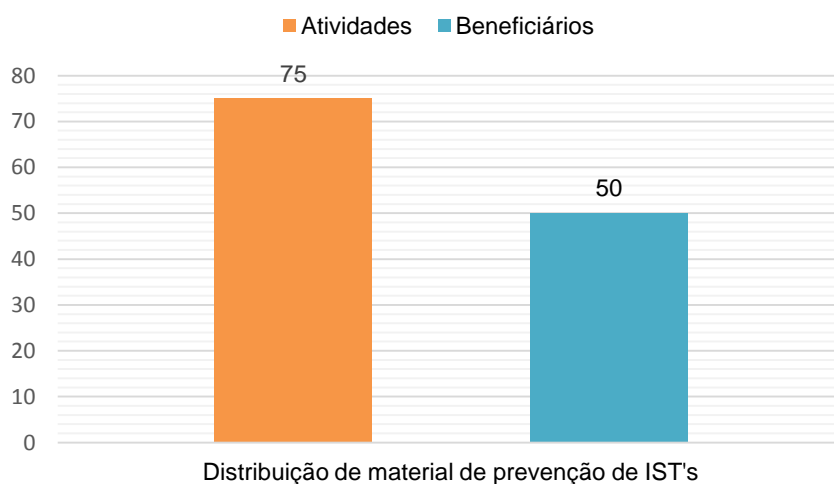
Atividades em giros a apartamentos



Nos giros realizados a apartamentos conotados com a prática da prostituição, as atividades predominantes foram no âmbito do atendimento/ acompanhamento social e o atendimento/ acompanhamento de saúde.

Gráfico 23

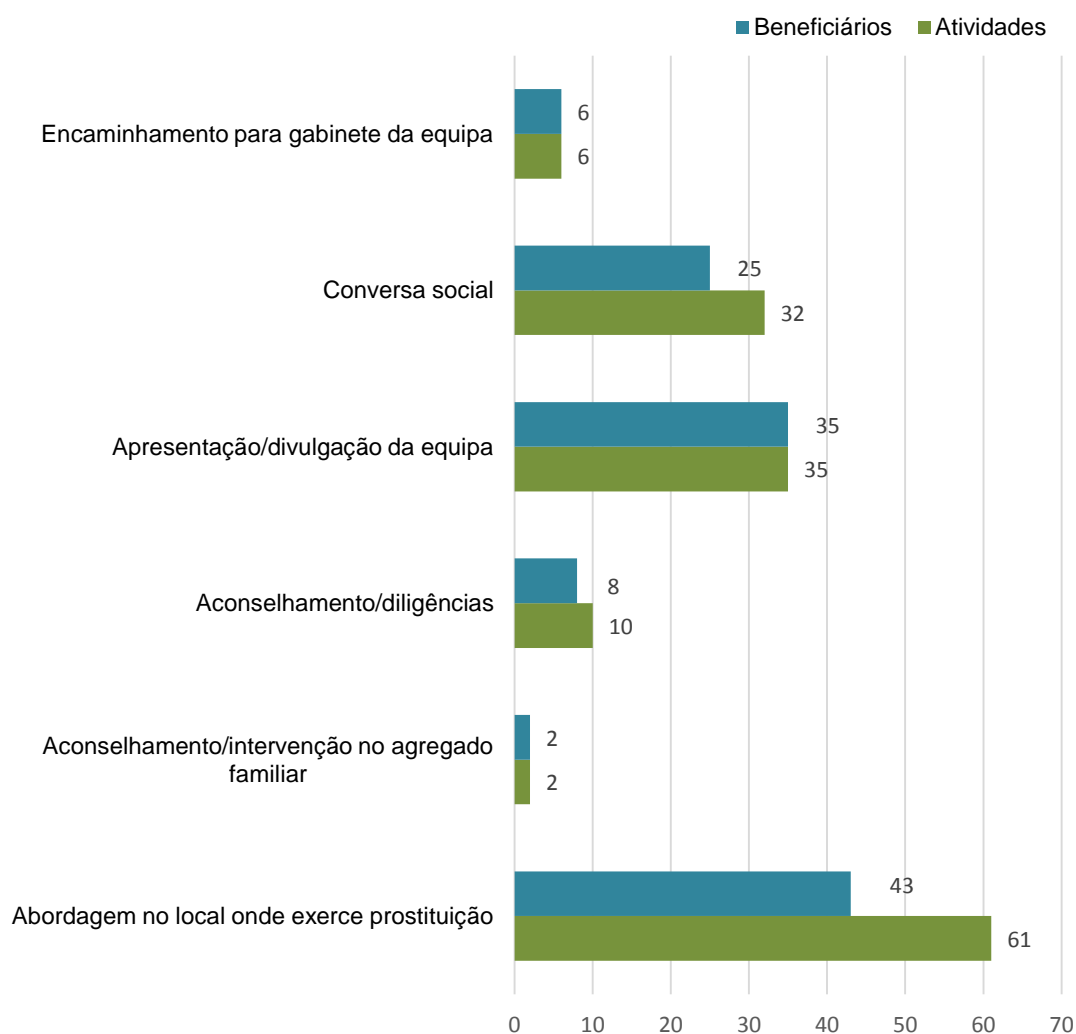
Atendimento/acompanhamento de saúde em giros a apartamentos



No âmbito do atendimento/acompanhamento de saúde em giros a apartamentos conotados com a prática da prostituição, constata-se que foram efetuados 75 distribuições de material de prevenção e informação de IST's a 50 utentes.

Gráfico 24

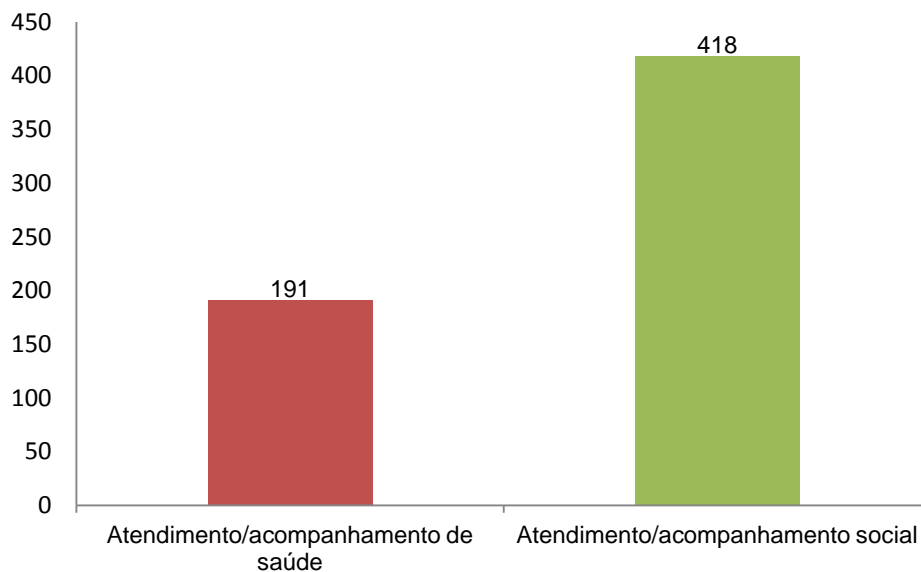
Atendimento/acompanhamento social em giros a apartamentos



Na observação do gráfico, percebe-se que nos giros realizados a apartamentos conotados com a prática da prostituição, a ação com maior predominância é a abordagem, uma vez que este é o local onde a/o Utente se dedica à prática prostitucional. Além desta ação, e em simultâneo com uma primeira abordagem, a Equipa costuma apresentar-se e divulgar os serviços e atividades que tem disponíveis.

Gráfico 25

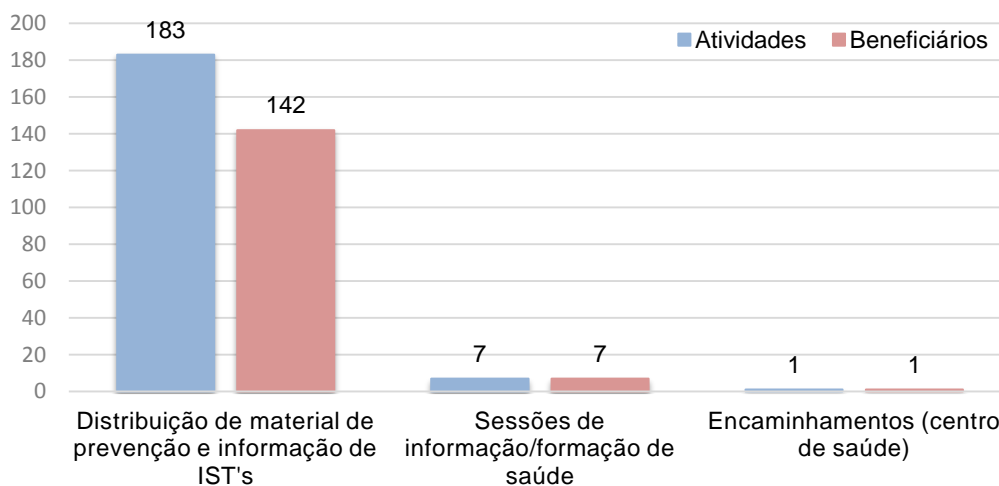
Atividades em giros a bares/pensões



Nos giros realizados a bares/pensões conotados com a prática da prostituição, a ação com maior predominância, tal já verificado anteriormente, foi o atendimento/acompanhamento social e o atendimento/acompanhamento de saúde.

Gráfico 26

Atendimento/acompanhamento de saúde em giros a bares/pensões

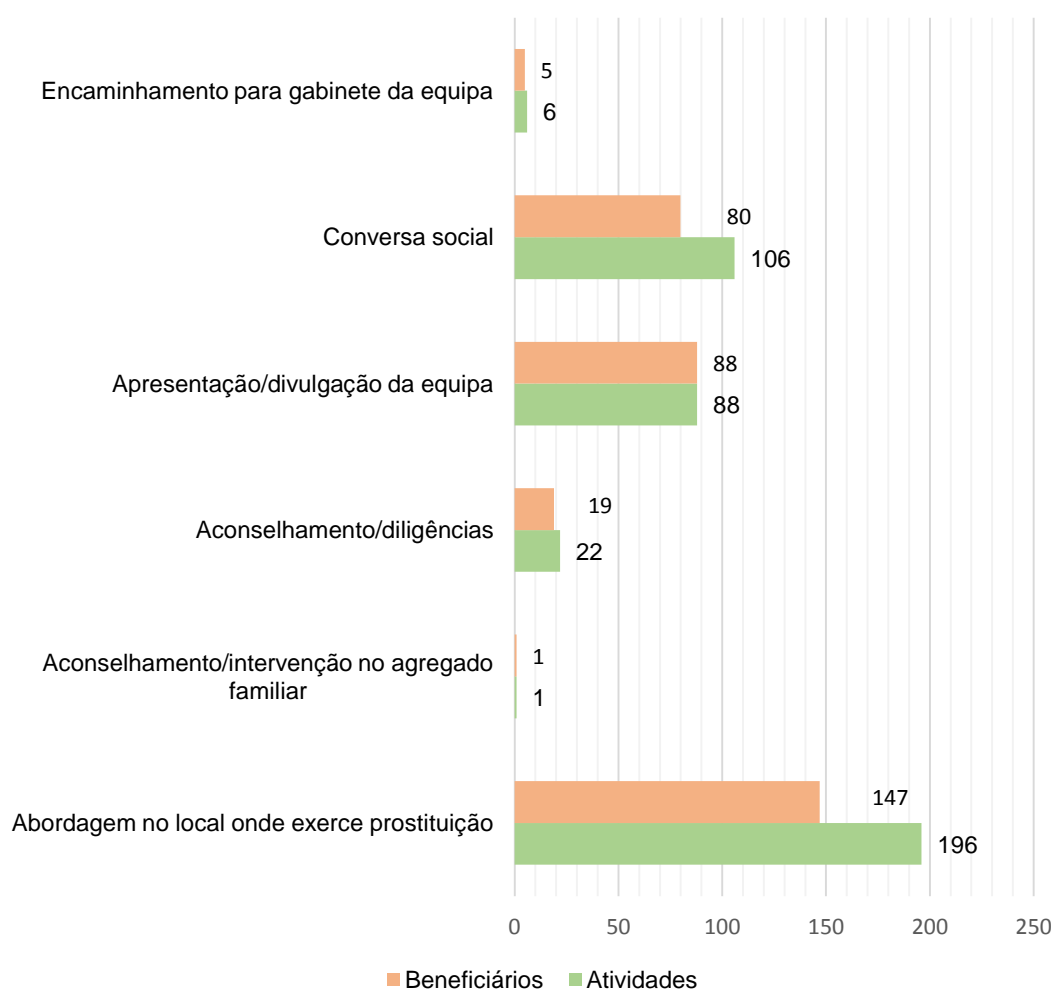


Neste gráfico, relacionado com o atendimento/acompanhamento de saúde em giros a bares/pensões conotados com a prática da prostituição, destaca-se, mais uma

vez, a atividade de distribuição de material de prevenção e informação de IST's, uma vez que a Equipa se encontra em contexto prostitucional.

Gráfico 27

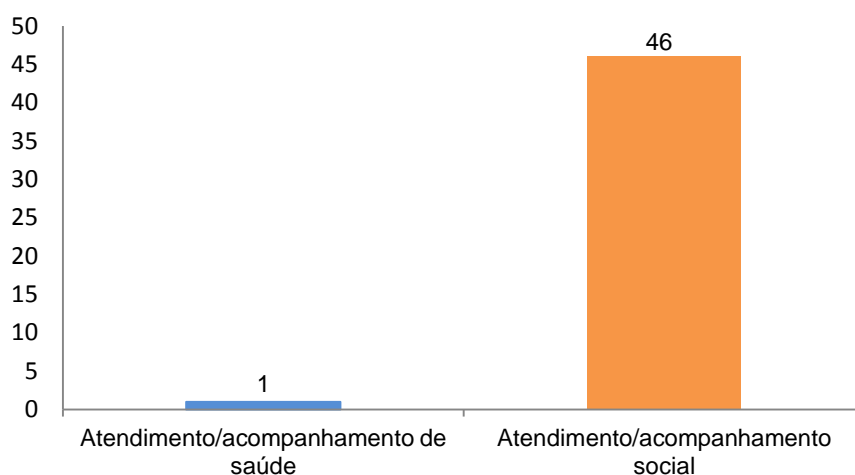
Atendimento/acompanhamento social em giros a bares/pensões



Em relação ao atendimento/acompanhamento social em giros a bares/pensões conotados com a prática da prostituição, observa-se neste gráfico que a abordagem às/aos utentes que se prostituem foi a ação com maior destaque, seguindo-se a conversa social. A Equipa tem constatado que a população-alvo, neste tipo de locais, é muito flutuante e, como tal, o número de beneficiárias/os das ações tem sido elevado. Esta constatação implica que a Equipa se apresente e divulgue os serviços disponíveis em cada primeira abordagem à/ao utente.

Gráfico 28

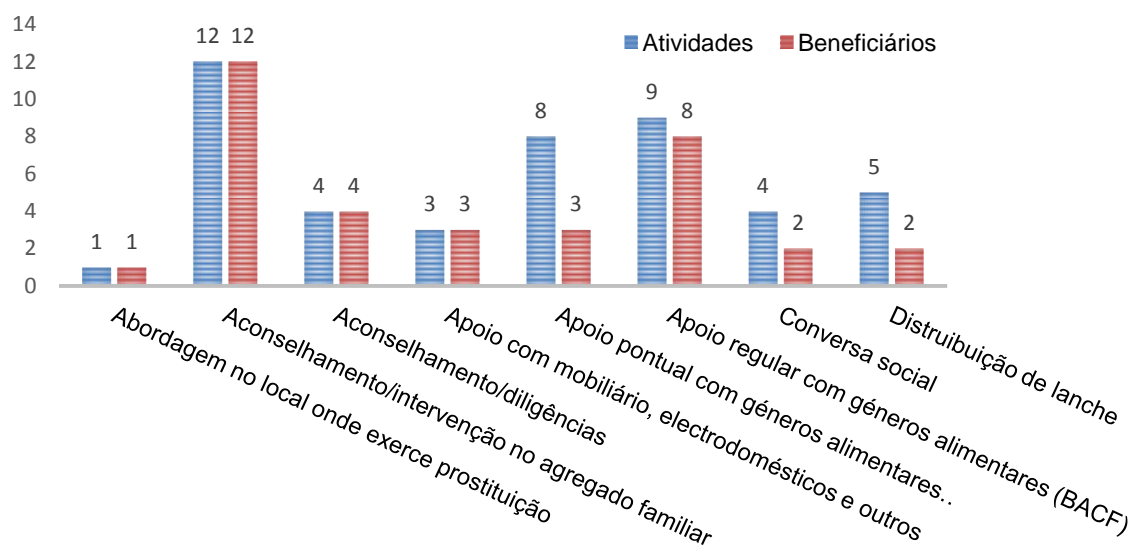
Atividades em visitas domiciliárias



No âmbito da intervenção realizada pela Equipa, têm-se efetuado um conjunto de visitas domiciliárias às /aos utentes e seus agregados familiares. Este aumento do número de visitas domiciliárias também está relacionado com o diagnóstico e encaminhamento para o BACF, pois esta visita constitui um requisito para a avaliação desta necessidade. A atividade que se destaca em visitas domiciliárias é o atendimento/ acompanhamento social.

Gráfico 29

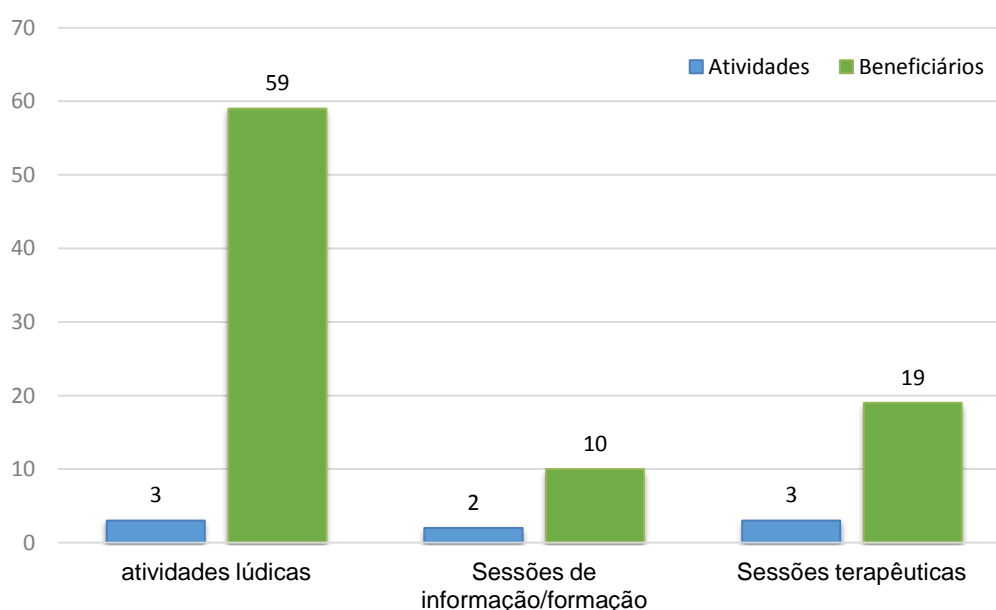
Atendimento/acompanhamento social em visitas domiciliárias



Dos atendimentos/ acompanhamentos sociais realizados em contexto de visita domiciliária, verifica-se que a ação com maior predominância foi o aconselhamento/ intervenção no agregado familiar, seguido do apoio regular ou pontual com géneros alimentares, provenientes do BACF ou do Supermercado SuperCOR – *El Corte Inglés* (com o qual a Equipa mantém uma parceria informal). As visitas domiciliárias foram efetuadas sempre que foi necessário realizar uma avaliação da dinâmica familiar em contexto domiciliário ou para avaliação da pertinência de um encaminhamento par apoio do BACF.

Gráfico 30

Atividades de grupo com os utentes



Durante o ano de 2012, a Equipa realizou várias atividades de grupo com as/os utentes; destacam-se as atividades lúdicas, num total de 3 atividades, para um número de 59 beneficiárias/os e respetivos agregados familiares. Além de atividades lúdicas, a Equipa desenvolveu um conjunto de sessões terapêuticas, sob a temática: “À procura dos meus ossos... a força indestrutível da alma”, dinamizadas por uma professora de teatro, nas quais participaram um total de 19 utentes.

Tabela 1

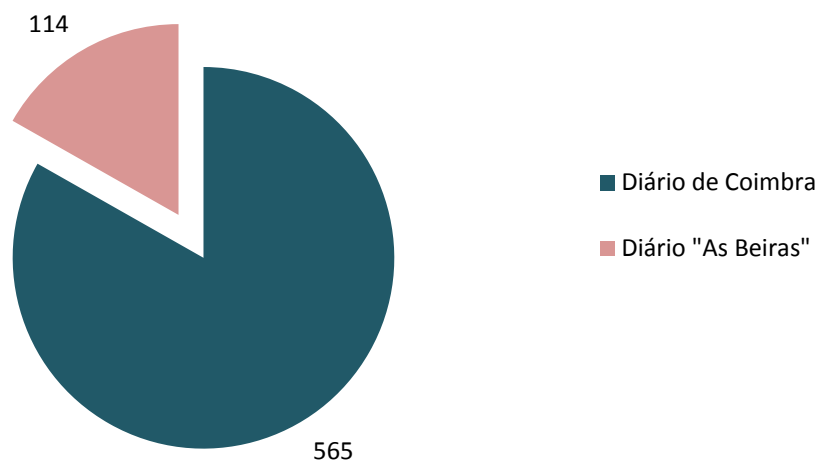
Deslocações de emergência

2 Deslocações de Emergência	
Encaminhamento	2
Acompanhamento	1
Retirada	1

Como referido em gráfico anterior, nestas deslocações de emergência foram contabilizados 1066 km que surgiram na sequência de ‘pedidos de resgate’, um efetuado pela Polícia Judiciária de Coimbra e outro pela própria mulher. Este processo exigiu diligências no sentido de retorno ao país de origem em segurança, pelo que a mulher foi transportada para Madrid, de onde seguiu de avião até ao seu país.

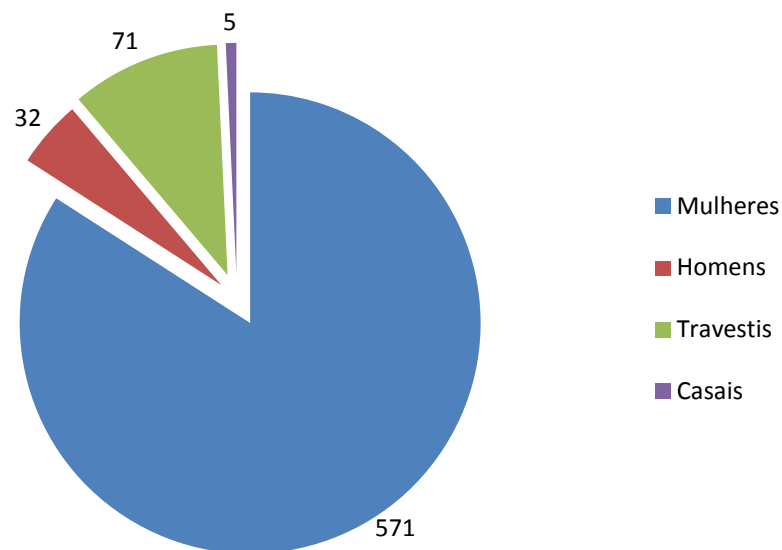
Gráfico 31

Contatos dos classificados dos jornais locais



Diariamente, uma das atividades da Equipa é fazer o levantamento dos anúncios dos classificados relacionados com a prática da prostituição. Extraídos os contatos telefónicos, é enviado um SMS aos novos contatos a apresentar a Equipa, os seus serviços e a morada do gabinete. Como se pode constatar no gráfico, o jornal “Diário de Coimbra” liderou pela quantidade e novidade dos contatos referidos.

Gráfico 31.1
Caraterização da população

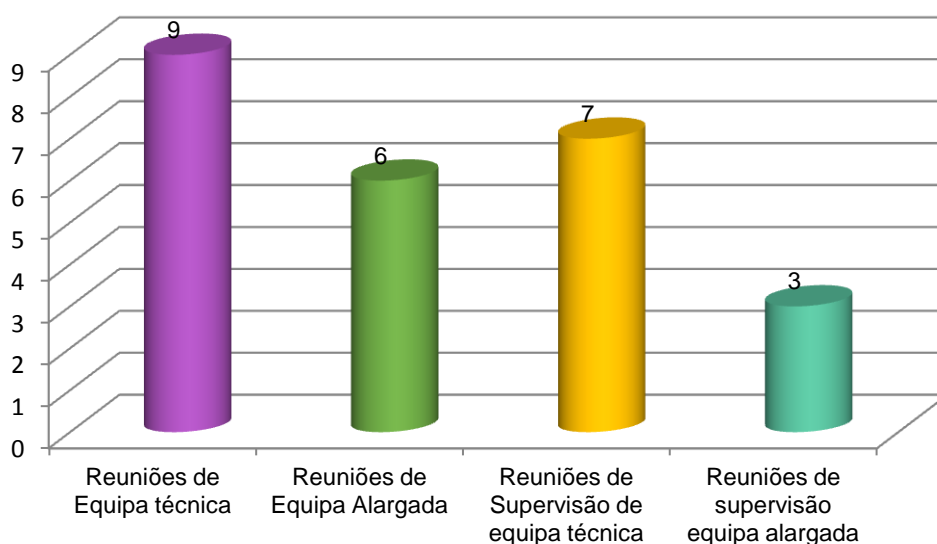


Na sequência do gráfico anterior, este apresenta a caraterização desta população, apresentada nos contatos, onde predominou, claramente, o género feminino. É de referir, no entanto, o número considerável e o aumento verificado da prostituição transsexual em contexto de apartamento, na cidade de Coimbra.

4. ATIVIDADES DA EQUIPA

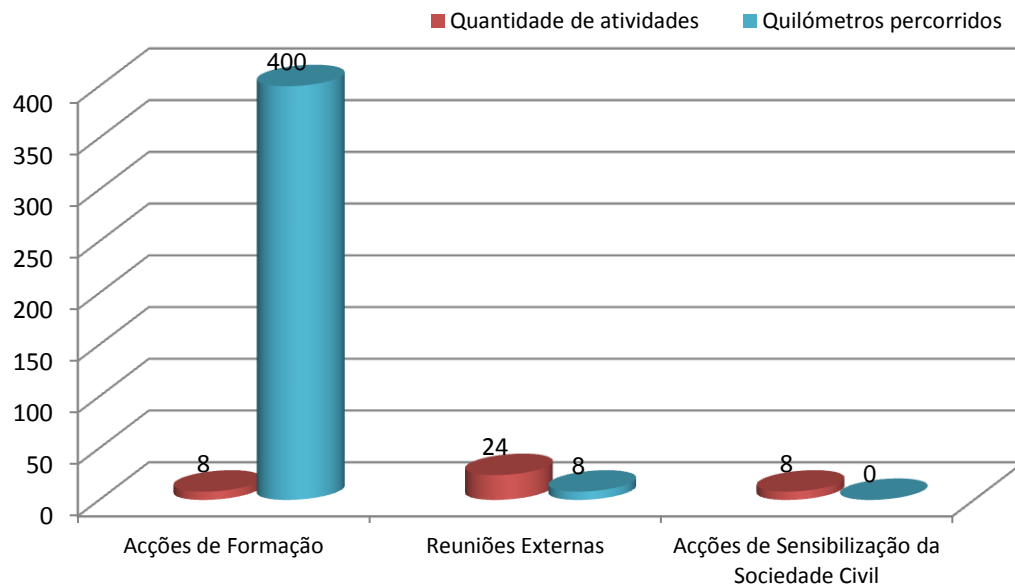
Gráfico 32

Reuniões da Equipa em gabinete



As reuniões realizadas na Equipa podem ser de equipa técnica: direcionadas para as/os técnicas/os da equipa; e de equipa alargada: direcionadas para toda a equipa técnica, voluntárias/os e colaboradoras/es. Ao longo do ano em análise, as reuniões de supervisão tiveram uma periodicidade mensal e alternada entre supervisão técnica, com a Inês Fontinha (Diretora Técnica da Associação “O Ninho”, em Lisboa, que trabalha com pessoas que se prostituem) e supervisão clínica, com um psicoterapeuta, José Serra. Estas reuniões foram de carácter programático e para avaliação de atividades, sempre com uma componente formativa, relacionada com a intervenção da Equipa.

Gráfico 33
Atividades da Equipa no exterior



Como se pode constatar no gráfico, uma das prioridades da Equipa tem sido a formação contínua para atualização de conteúdos e intervenção. Também se tem vindo a constatar o aumento de solicitações para a Equipa participar em ações de sensibilização da sociedade civil, para questões relacionadas com a exploração sexual e a violência de género. As reuniões externas realizadas, foram no âmbito da melhoria da qualidade da intervenção e com o objetivo de estabelecer e reforçar parcerias.

5. REFLEXÃO/AVALIAÇÃO

De acordo com as atividades propostas no Plano de Atividades para o ano de 2012, e analisando toda a intervenção realizada e os dados apresentados neste relatório, a Equipa considera que foram atingidos os objetivos propostos, bem como realizadas todas as ações e atividades previstas.

Na sequência daquilo que já se tinha verificado no ano anterior, a Equipa privilegiou o atendimento e acompanhamento em gabinete, uma vez que neste espaço as solicitações têm aumentado significativamente. Isto tem permitido um acompanhamento mais efetivo, progressivo e com objetivos definidos. A Equipa também tem vindo a detetar que a relação de proximidade, confiança e ajuda efetiva, tem possibilitado que haja um aumento da procura por parte das/os utentes na resolução dos seus problemas e na partilha dos seus sonhos e conquistas. Salienta-se ainda que, este acompanhamento, tem proporcionado e contribuído para uma intervenção que se tem alargado ao agregado familiar das/os utentes, facto que justifica um aumento significativo de visitas domiciliárias e deslocações relacionadas com esta intervenção. O incremento de atividades em gabinete tem levado a uma progressiva diminuição de atividades no exterior, nomeadamente giros em locais conotados com a prática da prostituição. No entanto, esta continua a ser uma atividade de todo importante no contexto da intervenção, visto que possibilita dar a conhecer a existência e serviços disponíveis na Equipa, o contato com a população alvo, o conhecimento da dinâmica destes locais e contextos, bem como a sinalização de potenciais situações de exploração sexual e tráfico de pessoas para o mesmo fim.

É de destacar um aumento significativo de pessoas do género masculino e transgéneros, nomeadamente em contexto de apartamento, na cidade de Coimbra, que têm solicitado os serviços da Equipa. Perante esta nova constatação, e baseado em relatos feitos na primeira pessoa em contexto de acompanhamento, a Equipa procedeu à sinalização junto dos Órgãos de Polícia Criminal de uma possível rede de tráfico de transsexuais de origem brasileira. Esta investigação tem carecido, no

entanto, do consentimento das supostas vítimas em testemunhar tudo o que têm vivido, por medo a represálias.

Em termos da intervenção realizada com as/os utentes, é de salientar a evolução verificada no âmbito do acompanhamento psicológico. Constatou-se ao longo deste período, uma maior consistência, implicação e compromisso por parte de cada pessoa em acompanhamento, delineando-se processos mais continuados no tempo e com níveis elevados de evolução. Este tem possibilitado ganhos consideráveis em termos de auto conceito e de estabilidade em termos de estrutura psicoemocional, constituindo uma base sólida para qualquer processo de mudança ou melhoria de qualidade de vida.

Sendo a prostituição uma problemática com contornos obscuros e com mecanismos cada vez mais complexos e sofisticados de exploração e ‘angariação’ de vítimas, a Equipa sente uma grande exigência em acompanhar e ter uma intervenção à altura para corresponder aos novos desafios. Neste sentido, a formação dos agentes da Equipa (equipa técnica, voluntárias/os e colaboradoras/es) continua a ser de grande e primordial importância. Assim, deu-se continuidade à supervisão iniciada já no ano de 2011, e levada a cabo pela diretora técnica da Associação ‘O Ninho’, Inês Fontinha, com larga experiência e compromisso com a causa da mulher prostituída. Durante o ano em análise, a esta supervisão de carácter mais técnico, a Equipa acumulou, em meses alternados, a supervisão clínica, levada a cabo por um psicoterapeuta, José Serra, ligado à corrente Construtivista. Esta supervisão de âmbito psicoterapêutico tem implicações significativas a nível financeiro, pelo que tem sido mais direccionada para a equipa técnica, com o objetivo de expor e tratar o trauma vicariante, relacionado com o facto das/os técnicas/os lidarem e estarem expostos a histórias traumáticas de ‘outras/os’. «Desta forma, o trabalho psicoterapêutico consiste numa viagem em relação, (...) durante a qual a pessoa tem a oportunidade de partilhar “paisagens” interiores, e nelas intervir ativamente de forma a libertar-se de algum sofrimento, de impasses ou mal-estar. (...) Um lugar onde a pessoa permite cuidar-se e ser cuidada. A tarefa de cuidar resulta comum a tantos outros contextos da nossa vida, quer profissionais (...) quer familiares (...). Tal é a importância que desempenha nas nossas vidas que certos autores defendem que a própria essência do ser humano reside no

cuidado, enquanto modo através do qual a pessoa sai de si, se descentra, e se centra no outro com desvelo e solicitude. Neste sentido, “a identidade própria do humano é constituída na coexistência e na inter-relação. Na base desta perceção está o cuidado, compreendido como dedicação e inquietação pelo outro” (Silva et al, 2009). Aceitamos ser cuidados porque cuidamos, e somos cuidadores porque também fomos cuidados.». (Rita Carvalho, *Procurar Ajuda*)

No âmbito de um dos objetivos assumido pela Equipa, e que consiste na sensibilização da sociedade civil para a problemática da desigualdade de género, de oportunidades e situações de violência contra a mulher, foram levadas a cabo várias ações, a convite de outras entidades e por iniciativa da Equipa. Destas últimas é de realçar a realização de duas ações direcionadas para a sociedade civil, nomeadamente, uma Tertúlia: “*O lado oculto da prostituição*”, em maio de 2012, e um Seminário: “*Em privado com a mulher pública, um compromisso para a mudança social*”, em novembro do mesmo ano. Verificou-se fraca adesão a nível de participantes, o que denota a pouca sensibilidade e interesse por causas socialmente mais esquecidas e marginalizadas. No entanto, longe disto constituir uma desmotivação, foi percecionado pela organização como um longo caminho que ainda há a percorrer, com necessidade de maior cuidado e investimento no futuro. De outro modo, ficará comprometida, de forma direta e indireta, a inserção sócio laboral e o exercício da cidadania plena, de toda a população alvo, ligada a contextos de exploração sexual e prostituição. Há uma consciência clara, por parte da Equipa, de que esta população pertence e tem um papel a desempenhar na sociedade, e que a mesma a deve ‘assumir’ e dar-lhe o espaço que a cada uma/um pertence, possibilitando que o desempenho com dignidade, responsabilidade e consciência.

Neste contexto, desde o início da intervenção, a Equipa tem sentido uma grande dificuldade em propor, delinear e concretizar, com as/os utentes, um projeto de vida alternativo à prática da prostituição. No ano de 2012, em parceria com outras entidades e pessoas da cidade, com notável envolvimento em causas sociais, que partilham deste diagnóstico e preocupação, congregaram-se sinergias e pensou-se a criação de um conceito que constitua um marco decisivo e determinante na intervenção levada a cabo pela Equipa de Intervenção Social ERGUE-TE. Neste sentido,

procedeu-se à fase de implementação de uma Estrutura de Emprego Protegido (EEP), que tem por objetivo constituir uma plataforma intermédia de integração no mercado de trabalho para pessoas em acompanhamento pela resposta social e mostrem uma vontade expressa de construir um projeto de vida alternativo. Para tal, foi registada a marca 'ergue-te' que ficou associada à confeção de bolsas – *inbags* – criadas, exclusivamente, para fins de integração/ inclusão social de mulheres ligadas à prática e contextos de prostituição. Estas peças terão uma forte ligação à cidade e tradição Conimbricenses, tendo estampada serigrafias alusivas à cidade e a monumentos de grande simbologia. Nos últimos meses do ano, procedeu-se, em parceria e ministrado pelo CEARTE, a um curso de 'técnicas básicas de confeção e costura', dirigido a 15 formandas/os, com duração de 110 horas. Este teve por objetivo aprender a confeccionar a referida peça, para, em inícios do ano seguinte, concretizar a EEP.

A perfeição, qualidade e preço do produto final pretendem constituir uma analogia ao valor (incalculável) da vida de cada uma destas mulheres, num esforço conjunto para que realmente se ergam!

Sendo o Centro Distrital de Segurança Social de Coimbra o parceiro de maior importância e que contribui com a maior fatia para a sustentabilidade do Projeto Social, esta também é assegurada pela forte iniciativa e criatividade de toda a Equipa, particularmente pelo voluntariado, ao reinventar e levar a cabo estratégias de angariação de fundos. Estas ações acabam por ter também o efeito de sensibilizar a sociedade civil, promovendo a responsabilidade social a vários níveis e desencadeando mecanismos de angariação de recursos financeiros complementares, que se têm vindo a afirmar como indispensáveis para que a intervenção da Equipa aconteça. A considerável participação, envolvimento e contributo das pessoas nas iniciativas promovidas, refletem bem o impacto social que este projeto tem causado na cidade.

CONCLUSÃO

A intervenção levada a cabo pela Equipa no ano de 2012 tem rostos de pessoas concretas, tem a história das suas vidas; pessoas que diariamente se sentem acolhidas e escutadas; pessoas que partilham os seus sonhos e as suas angústias, as suas dificuldades e também as suas potencialidades... Sim, os seus sonhos e potencialidades: é que apesar de às vezes serem desconsideradas - no fundo, a sociedade rotula-as como «prostitutas» - estas mulheres também sonham... Sonham e demonstram grande capacidade de resiliência e superação perante as grandes adversidades que têm de enfrentar ao longo das suas vidas.

A Equipa, pela sua multidisciplinaridade, trata diferentes abordagens e perspetivas, que se complementam, e permitem olhar a pessoa de forma mais abrangente e integrada, pois reconhece a complexidade da realidade.

É certo que com a sua existência e dinâmica, a Equipa não fará acontecer 'milagres', não acabará com o fenómeno da prostituição, não resolverá todos os problemas, nem responderá a todas as questões... Mas ao colocar-se em atitude de acolhimento, de abertura à realidade da outra, do outro, com a humildade de quem se aproxima de algo complexo e sagrado - como o é cada ser humano - terá rentabilizado o seu tempo, os seus recursos, e manterá uma atitude de forte implicação na transformação da vida de cada pessoa, e da própria sociedade cheia de preconceitos e com elevados níveis de exclusão, intolerância e conformismo.

Trata-se de levantar o véu que cobre o mundo da mulher que se prostitui e olhá-lo por dentro e em profundidade, para ganhar perspetiva e horizontes novos... porque é por dentro que as «coisas» são realmente e é por dentro que as podemos e queremos transformar!